



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FREDERICO TORRES SOARES DA SILVA

**NACIONALISMO NA URSS: O CASO DA RUPTURA KARA-QUIRGUIZ E O
NASCIMENTO DA REPÚBLICA SOCIALISTA SOVIÉTICA DO CAZAQUISTÃO**

São Cristóvão/SE

2025

FREDERICO TORRES SOARES DA SILVA

**NACIONALISMO NA URSS: O CASO DA RUPTURA KARA-QUIRGUIZ E O
NASCIMENTO DA REPÚBLICA SOCIALISTA SOVIÉTICA DO CAZAQUISTÃO**

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao
Departamento de Relações Internacionais como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Cairo Gabriel Borges
Junqueira.

São Cristóvão/SE

2025

*Minha primeira felicidade é o meu povo,
É por ele que ofereço o melhor do que eu penso.*

*Se meu povo existe – eu também existo,
Meu valor não se mede em ouro ou preço.*

*Minha segunda felicidade é a minha língua,
Com ela, firo até o mais duro coração.
Mesmo quando o mundo me decepçiona,
Nunca perdi por ela minha paixão.*

*Minha terceira felicidade é a pátria querida,
Se me perguntam quem é Deus – digo: é minha vida!
...Numa terra onde o fogo se apaga, há sentido?
Vem sem medo, acende em mim o teu abrigo.*

[...]

*Trago essas três alegrias nas mãos, abertas,
(Será que mereço tamanha oferta?)
Três sois iluminam meu céu todo dia:
Atyrau, Altai, Saryarka e Alatau... minha poesia!*

– *Minhas Três Felicidades,
Mukaghali Makatayev.*

AGRADECIMENTOS

A vida é uma jornada fantástica, ao ponto de ter-me feito cair de paraquedas no campo das Relações Internacionais. Agradeço primeiramente à Deus pela oportunidade e conquista que é este episódio de minha vida. Ao meu ingresso neste mundo de descobertas, agradeço imensamente à Maria, minha mãe, Alexandre, o meu pai e Morgana, minha irmã, pessoas as quais tanto me apoiaram e incentivaram a não abandonar uma oportunidade maravilhosa; à Izadora por me convencer a ingressar na graduação em sua companhia; aos meus amigos de período: Lucas, Ellen, Lorena, Eduarda, Roberta, Morato, Joara, Stella e os demais. Um obrigado aos meus calouros, pelas risadas e horas de conversa e incentivo à minha pesquisa: agradeço imensamente à Nathália, Gio, Iara, Neri, Simões, Kauan, Luci, Clarice, Elbis e os demais. Agradeço à minha namorada, Emanuelle, pelo apoio e força nos momentos em que estive tão desmotivado. Um sincero obrigado aos meus veteranos, os quais me acolheram maravilhosamente bem: Luiz (Lucho), Giovana, Anna, Mizael, Sandrielly, Marina, Amauri, Felipe, Júlio e os demais. Um grande “*ulken raxmet*” ao meu amigo cazaque, Ashirmet Qadyrzhan Dauletuly, pelas incessantes horas de conversa e ensinamentos sobre sua cultura, história e língua ao longo dos últimos três anos. Agradeço também, aos personagens muito importantes na minha vida: Vanessa, minha sogra que tanto me apoiou e me entregou palavras reconfortantes; minha tia e madrinha, Fernanda; meu cunhado Marcos pelo incentivo.

Do departamento, sou eternamente grato pelos ensinamentos passados pelos professores, excelentes profissionais que auxiliaram na jornada de aprendizado desde o ano de 2021. Um sincero obrigado aos Professores: Lucas, Érica, Edson, Geraldo e Flávia pela iniciação nos campos mais variados da Relações Internacionais; obrigado Thiago, por me ouvir falar pelas conversas sobre a experiência soviética; Bárbara, pelos momentos de conversa sobre conflito étnico, sovietologia e Segurança Internacional; Rodrigo, pelas orientações de escrita e caminhos de pesquisa e, por fim, obrigado Professor Cairo por aceitar me guiar nesta última etapa, seus ensinamentos sobre conceitos de identidade latina e afins foram de extrema importância na construção da presente pesquisa.

Obrigado pela ajuda, também, aos pesquisadores Guilherme Geremias e Danielle Makio por suas contribuições no campo dos estudos políticos centroasiáticos e do espaço pós-soviético. Suas obras me abriram a mente e permitiram que minha pesquisa fosse possível de ser realizada pois, através do trabalho destes profissionais, me senti imensamente acolhido.

*“Busque aprender à todo momento
E você possuirá a riqueza do conhecimento
Pois o conhecimento é o verdadeiro tesouro”*

— *G’ulyñ Tappai Maqtanba
Abai Qunanbaiuly.*

RESUMO

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi um Estado composto por diversas nacionalidades, distribuídas desde o extremo Leste asiático até partes da Europa Oriental. Nesta perspectiva, esta pesquisa analisa o desenvolvimento do nacionalismo cazaque nos períodos pré-soviético e soviético, no contexto da remodelação geográfica e política ocorrida durante o processo de delimitação de fronteiras, até o ano de 1936, quando foi criada a República Socialista Soviética do Cazaquistão. Utilizando um amplo conjunto de fontes de cunho étnico-histórico, com foco no fenômeno nacionalista, este trabalho prioriza a análise da evolução da identidade do “ser cazaque” ao longo dos anos de sedentarização e das transformações nos costumes locais. O estudo contempla o surgimento de personagens centrais para o cotidiano da época e enfatiza o papel desempenhado por esses indivíduos no processo de indigenização da população local e na inserção das comunidades autóctones na estrutura burocrática soviética. Em sua totalidade, esta dissertação busca elucidar o surgimento da ruptura entre dois povos — Quirguizes e Cazaques —, bem como compreender o nascimento de diversas Repúblicas Socialistas, nomeadas e delimitadas conforme os grupos étnicos da Ásia Central.

Palavras-chave: Nacionalismo; Cazaquistão; Ásia Central; URSS.

ABSTRACT

The Union of Soviet Socialist Republics (USSR) was a state composed of various nationalities, spanning from the far eastern regions of Asia to parts of Eastern Europe. From this perspective, this research analyzes the development of Kazakh nationalism during the pre-Soviet and Soviet periods, within the context of the geographic and political restructuring that occurred throughout the border delimitation process, up until 1936, when the Kazakh Soviet Socialist Republic was established. Drawing on a wide range of ethno-historical sources and focusing on the nationalist phenomenon, this study prioritizes the analysis of the evolution of the “Kazakh identity” throughout the years of sedentarization and changes in local customs. The research also addresses the emergence of key historical figures of the time and emphasizes their roles in the process of indigenization of the local population and the incorporation of autochthonous communities into the Soviet bureaucratic structure. Overall, this dissertation seeks to elucidate the emergence of the rupture between two peoples — the Kyrgyz and the Kazakhs — as well as to understand the formation of various Socialist Republics, named and defined according to the ethnic groups of Central Asia.

Keywords: Nationalism; Kazakhstan; Central Asia; USSR.

LISTA DE ABREVIATURAS

- AO* - *Alash Orda*;
- ARMC* - *All Russian Muslim Committee* - Congresso Islâmico de Toda a Rússia;
- KVK* - *Kirvoenkom* - Comissariado Militar Quirguiz [Cazaque];
- OA* - Oblast Autônomo;
- PCUS* - Partido Comunista da União Soviética;
- RFST* - República Federativa Soviética do Turquestão;
- RSDRP* - *Rossiyskaya Sotsial-Demokraticheskaya Rabochaya Partiya* - Partido Social Democrático dos Trabalhadores da Rússia;
- RSFSR* - República Socialista Federativa Soviética da Rússia;
- RSS* - República Socialista Soviética;
- RSSA* - República Socialista Soviética Autônoma;
- TNK* - *Turkestanskiy Natsional'nyy Komitet* - Comitê Nacional do Turquestão;
- VtsIK* - *Vserossiyskiy Tsentrál'nyy Iсполnitel'nyy Komitet* - Comitê Executivo Central de Toda a Rússia.

GLOSSÁRIO

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ÓTICAS DE ETNICIDADE, NACIONALISMO E O CONSTRUTO IDENTITÁRIO QUIRGUIZ-CAZAQUE	13
2.1. O processo de formação nacional e o paradigma do nacionalismo soviético	17
3. AS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS DA ÁSIA CENTRAL E AS DINÂMICAS DE REMODELAGEM	23
3.1. As fronteiras da Ásia Central, a insatisfação cara-quirguiz e a ótica cazaque	27
3.2. A origem da intelligentsia cazaque e a formação da Autonomia de Alash	33
3.3. A historiografia cazaque e a modelagem da identidade nacional	37
4. O NACIONALISMO CAZAQUE	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
BIBLIOGRAFIA	56
ANEXO A - GLOSSÁRIO DO VOCABULÁRIO CAZAQUE UTILIZADO	58

1. INTRODUÇÃO

O Cazaquistão, situado no coração da Ásia Central, é um país fascinante pelo seu histórico compartilhado com as nações vizinhas. Em seu desenvolvimento, o território cazaque passou pelos domínios de diversos governos, como o Império Mongol no século XIII e as subseqüentes Hordas¹ advindas de seu desmembramento, posteriormente tornou-se seu próprio Canato/Khaganato² no XV centenário. Anos mais tarde, o atual Cazaquistão foi gradualmente anexado pelo Império Russo entre os séculos XVIII e XIX, o que acarretou, posteriormente, na formação da República Socialista Soviética Autônoma Cazaque (uma RSSA) e a República Socialista Soviética do Cazaquistão (uma RSS) respectivamente, entre os anos de 1920 e 1936 (Christian, 2018; Den Ross, 2004; Haugen, 2003).

Ademais, o “nascimento” do Cazaquistão soviético carrega um peso maior para o desenvolvimento do sentimento nacional no país durante a transição entre os períodos imperial e bolchevique. Compreender o fenômeno nacional e/ou nacionalista na RSSA e RSS do Cazaquistão perfaz uma experiência interessante quando levada em consideração a sua relação com a construção de outros imaginários vizinhos, tais quais os uzbeques, tadjiques, quirguizes e de outras minorias como caracalpaques, dadas as suas semelhanças, como também seus contrastes. No mais, este trabalho tem como o seu epicentro a tentativa de compreender o nascimento e desenvolvimento do nacionalismo do povo cazaque entre 1917 e 1936.

Quando pensamos sobre símbolos nacionais, diversos artifícios podem ser considerados influentes no campo dos ideais identitários. Desde figuras de influência direta como reis e políticos — leia-se líderes —, como também os mais subjetivos e ligados ao campo cultural como escritores, poetas, músicos e artistas — e seus próprios movimentos artísticos — no geral são responsáveis por consolidar características e ícones os quais “o(s) povo(s) possa(m) chamar de seu(s)”. Frases como “meu presidente”, “nossa pátria” ou mais intrínsecas como “nossa língua”, “nossa cultura” ou “nossa terra” fazem parte do vocabulário moderno das diversas nações ao redor do mundo. No caso do povo cazaque, ou *qazaq eli*³, tais recursos são de entendimento variado a depender do uso do vocabulário e de suas diferentes perspectivas ao longo do tempo, dado o fato da região ter sido controlada por diversos governos com línguas, religiões e culturas diferentes das comunidades turcomanas do ramo

¹ Uma horda compreende a definição de uma comunidade turcomana, mongol ou tártara caracterizada pela cultura nômade e pastoral dotada de coesão e organização política (Christian, 2018).

² Um canato ou khaganato é uma entidade política formada por comunidades pastorais. Originados através da evolução e dissolução do Império Mongol (sendo este também um canato), estas entidades se perpetuaram como modelo político vigente nas comunidades rotativas da Ásia Central e regiões adjacentes (Christian, 2018).

³ “*Qazaq eli*” compreende a ideia de nação/país cazaque.

*qipchaq*⁴.

Não obstante, a observação do desenvolvimento do nacionalismo e das sensações de pertencimento do etnônimo cazaque em relação à sua terra, língua e cultura advém da compreensão da evolução histórica não só do povo propriamente dito, como também de suas relações para com os artifícios previamente citados. Para entender os cazaques enquanto “um conjunto de indivíduos coesos” durante o desenvolvimento da URSS, é necessário olhar para o passado, visando iluminar as dinâmicas de relação entre povo, terra, língua para com as dominâncias as quais foram por anos submetidos. Nesta ótica, o embrionamento do “ser cazaque” durante os anos de transição e reforma política — 1861 a 1936 — indaga uma dúvida crucial para seu entendimento: como se estabeleceu o processo de construção do nacionalismo cazaque?

Para discernir acerca desta problemática, faz-se necessário um estudo que elabore o processo histórico-cultural como um todo. Com este intuito, o presente trabalho busca, através dos capítulos subsequentes, elaborar conceitos-chave para a análise do caso nacional cazaque, como a importância das óticas de etnicidade e do fenômeno nacional e das identidades; da burocracia soviética e suas dinâmicas de divisão e reorganização fronteiriça; da análise do processo historiográfico e como certos indivíduos foram capazes de o utilizarem em prol da promoção da identidade nacional em um ambiente etnicamente hostil e, também, do nacionalismo cazaque propriamente dito, como também seus artefatos de delimitação e definição ao longo do processo pré e pós-revolucionário. Para tal, a presente pesquisa se utiliza de uma revisão bibliográfica pautada em temas como etnicidade, história e política dos povos da Ásia Central, do âmbito soviético e, em específico, que fazem referência ao etnônimo cazaque ao longo da evolução histórica da região.

⁴ Os povos turcomanos do ramo *Qipchaq* foram comunidades originadas na região de Altai, atual Rússia. Atualmente, a nomenclatura é utilizada para delimitar etnicamente os povos os quais, ao longo do tempo, os *Qipchaqs* precederam, como os próprios Altaís, Karachays, Quirguizes, Cazaques e entre outros (Fierman, 1991).

2. ÓTICAS DE ETNICIDADE, NACIONALISMO E O CONSTRUTO IDENTITÁRIO QUIRGUIZ-CAZAQUE

Para entender o embrionamento do ideal nacional cazaque durante os primeiros anos da RSS do Cazaquistão, é necessário compreender o nacionalismo enquanto fenômeno pois, ao longo dos anos, diversas correntes de interpretação se fizeram presentes na história. Segundo Anderson (1995), a complexidade do fenômeno nacionalista se encontra na encruzilhada de sua própria definição, marcada por discussões acirradas entre o homem historiador, o nacionalista e o próprio poder político em execução pelas mais diversas comunidades, visto que, na prática, os pontos de vista se debruçam em utilidades e/ou ideias diferentes de como ou no quê o nacionalismo impera, até que ponto o mesmo é relevante para a harmonia de determinada sociedade, a que nível interfere diretamente no construto político, etc.

Ademais, é possível dizer que as percepções acerca do nacional, não-nacional e do que é pertinente à(s) identidade(s) das mais distintas sociedades se constroem a partir dos processos de autodeterminação e auto-consciência. O “ser” e o “não ser”, o “meu”, o “seu” ou o “nosso” são termos utilizados pelas sociedades para se estratificar ao longo dos tecidos étnicos, religiosos, culturais, como também no âmbito político. Na definição de Benedict Anderson (1995) uma nação é nada mais que uma “comunidade imaginada”, tal qual o título de sua obra.

O *nationess*, ou a condição do “nacional”, segundo Anderson (1995) abarca diversas ideias de pertencimento um tanto quanto variáveis. Utilizando-se das línguas, culturas e ritos tradicionais de diversos povos, Anderson (1995) interpreta a construção do nacional como uma conjuntura de acontecimentos e condições das sociedades que convergem ao ponto de, em determinada parte da história, se considerarem iguais ou pertencentes a um grupo seletivo. No mais, o *nationess* representa o significado generalista da brasilidade, a *britishness*, *hispanidad* ou, no caso dos cazaques, o *qazaqshylyq* / *qazaqylyq*.

Se levarmos em consideração a pluriculturalidade da Ásia Central no desenvolvimento do(s) nacionalismo(s) na região, faz-se perceptível um grande quebra-cabeças sobre o surgimento dos sentimentos nacionais, tanto nos países na eras pós e pré-soviéticas. Como o foco desta monografia é o desenvolvimento do *qazaqshylyq* e da ideia do ser cazaque, vale ressaltar que o “nascimento” deste nacionalismo está, apesar de tudo, interligado com os fenômenos vizinhos de mesmo cunho.

Muito embora os valores espirituais, memórias históricas e a consolidação da

caricatura cazaque tenham evoluído desde a sedentarização até a bolchevização⁵, delimitar suas “fronteiras” identitárias consiste — uma dentre as várias formas de compreender o que é ou não cazaque — na espinha dorsal da historiografia deste povo. Neste âmbito, o processo de letramento e influência midiática — mais precisamente os jornais e a literatura — durante os anos de 1861 e 1917 foram importantes, pois marcaram o “nascimento” da intelligentsia⁶ cazaque sob domínio russo (Sabol, 2003). Para autores como Arne Haugen (2003), Steven Sabol (2003), Saulesh Esenova (2002) e entre outros soviétólogos ou turcologistas/especialistas da Ásia Central, o papel da mídia e da influência das elites intelectuais foi de suma importância para a corrida local em prol da sedentarização, mudança das dinâmicas políticas e, também, a posterior sovietação e delimitação nacional-geográfica dos cazaques em relação aos demais povos adjacentes.

Em retomada à problemática referente à definição do nacionalismo, a fluidez presente nas correntes de interpretação do discurso étnico toma forma a partir de 1950. Segundo Grigol Ubiria (2016), a partir deste ano, o termo “etnicidade” passa a substituir palavras como “raça” ou “tribo” na escrita acadêmica da época. Neste ínterim, Ubiria (2016) enfatiza a existência de duas correntes principais referentes ao estudo da etnicidade: a primordialista e a construtivista. A primordialista compreende a parcela das ciências humanas que interpreta as formações grupais — ou comunidades — e identidades étnicas e suas ferramentas de coesão como naturalmente geradas e dotadas de uma imutabilidade e/ou resistência à mudanças, considerando a construção do imaginário histórico-cultural destas comunidades capazes de continuamente manter suas características primárias — como línguas, costumes, religião, etc. — ao longo do tempo sem qualquer necessidade de interferência. Por outro lado, a perspectiva construtivista interpreta a etnicidade como um construto social, e não como uma “dádiva” imutável, mas sim algo fluido, passível de transformações e completamente suscetível à influência de indivíduos de dentro ou de fora de determinada comunidade, seja através de alterações culturais impostas ou mesmo do âmbito político.

Sobre o campo de estudo do fenômeno nacionalista — não que este seja uma continuação da etnicidade, mas estejam ligados —, existem quatro correntes principais: primordialismo, perenialismo, etno-simbolismo e a vertente modernista. De maneira breve, a corrente primordialista — assim como na etnicidade — compreende uma naturalidade no “nascimento” e desenvolvimento das nações, considerando-as entidades que crescem e se

⁵ O processo de sedentarização e bolchevização engloba os períodos de iniciação das políticas de indigenização dos povos da Ásia Central através da alteração dos costumes locais em prol da fixação dos mesmos em grandes centros urbanos (Haugen, 2003; Olivier, 1990).

⁶ Vanguarda política e/ou elite intelectual de determinado país ou região. A palavra em si é mais utilizada para compreender tais indivíduos durante os períodos do Império Russo e, posteriormente, da União Soviética (Sabol, 2003).

ramificam inevitavelmente ao longo da história humana, desde os primórdios da mesma. Por outro lado, o perenialismo foca nos contextos sociohistóricos para a formação das nações, enfatizando as sociedades dos tempos mais remotos e suas evoluções para as sociedades mais recentes. O etno-simbolismo, por sua vez, é criticado pela academia devido ao seu foco exacerbado nas raízes culturais das sociedades, menosprezando — e até certo ponto descredibilizando — a importância das capacidades legais, socioeconômicas e políticas para a formação das nações. Por fim, a corrente modernista, proposta por Benedict Anderson, contempla a nação como uma “comunidade imaginada”, isto é, abstrata, porém capaz de manter os indivíduos de uma comunidade coesos, como também é dotada de limitações — visto que nem todos os indivíduos de uma nação se conhecem ou sabem da existência uns dos outros —, mas ainda soberana, pois é capaz de encorajar estes a se considerarem parte de algo maior (Anderson, 1995; Ubiria, 2016).

Ainda que nem todas as perspectivas acerca do nacionalismo e da etnicidade sejam de extrema utilidade para a compreensão do desenvolvimento do nacionalismo cazaque, vale ressaltar que cada uma é capaz de fornecer certas interpretações sobre o fenômeno. Levando em consideração o cotidiano cazaque da época e sua modelagem — religião, língua, política, etc. —, vale destacar a forte capacidade da ótica “andersoniana” modernista de, através da análise de dinâmicas palpáveis de determinadas sociedades — mídia, política, administração, etc. —, julgar como uma corrente de acontecimentos se consolida na formação de um imaginário nacionalista. No caso do *Krai*⁷ do Turquestão, da RSSA e RSS Cazaque, respectivamente, este trabalho se debruça sobre os processos de transformação e influência destes artefatos, visto que, através de cada um deles, a elite intelectual cazaque foi capaz de indagar a concretização do imaginário nacional, por fim dando forma ao *qazaqshylyq*.

Astrid Tuminez (2003) enfatiza as características básicas acerca do conceito de nação: uma nação deve possuir membros identificáveis (por meio de características passíveis de distinção); a nação é considerada diferente quando comparada à outras unidades nacionais; a nação deve existir como uma entidade política (culturalmente) independente das demais. Muito embora Tuminez (2003) tenha feito sua análise baseando-se nos períodos após 1936, o fato dela ter estudado e analisado os casos dos embates do paradigma “nação *versus* sistema” no âmbito soviético são ainda de grande utilidade para o entendimento do fenômeno da ruptura *Kara-Qyrgyz*, mesmo que seu objeto de estudo tenha sido o desmembramento da URSS.

⁷ O conceito de *Krai* é definido como “região”. Em essência, um *Krai* compreende as partes mais remotas ou próximas às fronteiras de partes da coroa russa, sendo então permeados por *Oblasts* em seu interior (Fierman, 1991).

Acompanhando-se do nacionalismo, o processo de construção da nação em sua definição ou “*nation-building*” se conjectura a partir da evidente necessidade das comunidades nacionais de, ao longo dos anos, construírem e realizarem a manutenção de seus imaginários. Nesta ótica, Ubiria (2016) ressalta a existência de três métodos que, muito embora não sejam distintos, são capazes de andar lado a lado na teorização do nacionalismo. O primeiro, denominado puramente de *nation-making*, contempla, neste processo de construção dos fenômenos nacionais, dinâmicas que implicam a ênfase de elites intelectuais no processo de construção do nacional de determinada comunidade, priorizando a sintonia do estrato étnico-regional e na coerência dos indivíduos que a compõem. Por sua vez, o *nation-maintaining* se utiliza dos rastros deixados pelo *nation-making*, contemplando o imaginário nacional já “construído” — ou enfraquecido —, e realizando sua manutenção de acordo com as necessidades básicas de coesão, através de políticas de nacionalização (Ubiria, 2016). Por último, o *national-reshaping* é o fenômeno que se constitui em momentos de importantes transformações sociais, políticas e ideológicas, remodelando percepções das comunidades em momentos críticos e/ou de mudanças bruscas — tal qual a sovietação da Ásia Central (Ubiria, 2016).

Ademais, os processos de *nation-building* usufruem de diversas “ferramentas”, as quais englobam variados âmbitos do cotidiano de uma comunidade, como as políticas de língua e idioma, a reescrita da história e do enaltecimento de uma comunidade nacional, a propaganda e o simbolismo nacional, os sistemas de comunicação e a promoção dos valores culturais — como religião, diversidade, etc. (Ubiria, 2016). Sobre a construção do nacionalismo cazaque, tanto o *nation-making* e as suas “ferramentas” quanto as óticas de interpretação da etnicidade e do nacionalismo são úteis para compreender o desenvolvimento do *nationness* cazaque, visto que diversas camadas da sociedade da época foram incumbidas de, ao longo dos “anos de transição” — 1861 a 1917 — remodelar a percepção do imaginário de acordo com as mudanças políticas e surgimento de figuras importantes para tais eventos.

Nas seções seguintes, abordaremos a questão da percepção russa/soviética sobre a formação dos *oblasts* e outras divisões administrativas, verificando como, no caso cazaque, estes foram englobados como iguais e idênticos a povos turco-mongóis análogos que se tornaram uma população diferente no decorrer da transformação das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sendo então considerados etnicamente diferentes pelo censo do Estado, obtendo sua “autenticidade” identitária.

2.1. O processo de formação nacional e o paradigma do nacionalismo soviético

Com o advento da Revolução Bolchevique de 1917, ocorrida no então Império Russo,

o território do gigante eslavo e suas regiões administrativas — como os seus *Oblasts* que hoje contemplam os Estados da Ásia Central — passaram por um processo de guinada política e implantação da experiência socialista, dando origem à então República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR). Anos mais tarde, em 1924, aproximadamente um ano após a formação da URSS, o partido bolchevique exerceu gradualmente uma forte influência nas regiões mais periféricas da RSFSR, transformando-as então em repúblicas de cunho nacional, nomeadas de acordo com os povos predominantes (Haugen, 2003; Sabol, 2003; 1995).

Diante do processo revolucionário, o período de transição e sovietação do Império Russo se inicia vagarosamente através de reuniões de cunho burocrático, visando tanto o entendimento do movimento bolchevique para com as etnias presentes, quanto a gradativa secularização das comunidades islâmicas inseridas nas fronteiras russas — das subdivisões administrativas internas, como também aquelas mais externas — presentes na Ásia Central (Haugen, 2003; Den Ross, 2004; Sabol, 1995). Acompanhando o processo de surgimento das repúblicas nacionais, regiões autônomas e outras divisões administrativas delimitadas por caráter étnico-econômico, é necessário compreender a dinâmica entre o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) com os povos e seus representantes.

Durante os primeiros anos de diálogo entre as comunidades locais e os bolcheviques, a perspectiva leninista-stalinista de utilidade dos povos e seus movimentos de autodeterminação foram, entre muitas aspas, um veículo de propaganda e de gradual controle sobre as comunidades, visando a laborização e secularização destas em prol do desenvolvimento do Estado (Sabol, 1995; 2003; Pipes, 1997). Nesta lógica, o foco na unificação da classe operária e a utilização do PCUS enquanto ferramenta de coesão se resumiu no desenvolvimento de políticas que agregassem, igualmente, os polos que tanto se distanciavam: o caráter nacional das divisões administrativas e a necessidade de uma coesão formada exclusivamente pelo cunho laboral do partido.

Ainda em 1917, o Partido Social Democrático dos Trabalhadores da Rússia (*RSDRP*), organizou reuniões para a discussão da questão nacional, declarando a eventual necessidade de demarcações/fronteiras para regiões autônomas, buscando-as através do reconhecimento das condições étnicas e econômicas de diversas partes da Rússia — incluindo o então *Krai* do Turquestão (Sabol, 1995; Haugen, 2003). Duas das principais reuniões, ocorridas nas cidades de Ufa (Bascortostão/*Bashkiria*) e em Cazã/*Kazan* (Tartaristão/*Tatarstan*), deliberadas pelo Congresso Islâmico Russo/de Toda a Rússia (ARMC), tiveram seu foco na criação das repúblicas nacionais, dotadas de princípios federativos — muito embora a *intelligentsia* tártara tenha alegado que esse modelo seria ineficiente —, levando então a discussão à tentativas seguintes (Sabol, 1995).

Considerando que a tentativa do ARMC de estabelecer uma divisão baseada em etnias, coesa por vias religiosas — o islamismo — e que fosse condizente com o PCUS não tenha efetivamente vingado, foi o primeiro passo para as futuras alternativas. Modelos tártaros⁸ de divisões administrativas baseadas em movimentos de união multinacionais como o pan-turquismo e pan-islamismo foram também descartadas, mas catalisaram aspirações nacionais nas outras comunidades não-tártaras — turcomenos, cazaques, quirguizes e uzbeques —, fazendo-as pensarem em modelos mais válidos tanto para os povos quanto para o PCUS (Sabol, 1995).

Neste processo, o fenômeno da “tartarização” das *intelligentsias*, das autoridades autóctones e das identidades dos povos turcomanos se fez bastante presente durante o processo revolucionário, demandando atritos entre os diversos povos e, especialmente, entre as lideranças muçulmanas tártaras, quirguizes/cazaques⁹ e o novo governo soviético (Sabol, 1995). Em 1917, embates entre lideranças regionais e as lideranças russas etnicamente eslavas presentes em conferências de decisão sobre o tema da territorialidade e das comunidades nacionais passaram a acontecer em função da evidente manutenção das políticas de colonização, através das quais diversos russos [eslavos] foram gradualmente tomando controle das estepes na Ásia Central e da administração regional. No mês de Abril deste mesmo ano, o Congresso de Todos os Quirguizes — que na realidade, eram Cazaques étnicos — de *Turgay* aprovou a resolução que promovia a expulsão e realocação de colonos recém-chegados, e com a ajuda do *Ush Zhuz/Ush Juz* — partido/movimento de cunho socialista cazaque — o apoio aos Bolcheviques foi ainda mais fortalecido, acontecimento este acompanhado pela formação da *Alash Orda* (Autonomia de Alash) (Sabol, 1995; 2003; Haugen, 2003).

Com a presença russa na Ásia Central, o desenvolvimento da propaganda Bolchevique e o *slogan* de autodeterminação proposto por Stalin serviu como um catalisador da dominância e preservação dos antigos costumes tsaristas sobre os povos da região. Com a intenção de contornar as situações de atrito entre os povos e o governo instaurado, foram realizadas mudanças nas políticas, fazendo-as mais abrangentes e capazes de abraçar algumas necessidades das comunidades islâmicas e, acima de tudo, de autodeterminação das mesmas. Com isto, o Congresso dos Sovietes optou por criar o Conselho de Comissários do Povo (*Sovnarkom*) a partir das iniciativas de Lênin (Pipes, 1997; Haugen, 2003; Sabol, 1995).

O *Sovnarkom*, para além de sua função, poderia ser considerado um braço extensor da

⁸ Os modelos tártaros de divisão nacional contemplavam políticas de governo não-seculares, dotados de uma coesão religiosa e que ia de encontro com a proposta bolchevique (Haugen, 2003).

⁹ Os Quirguizes [*kara-qyrgyz*] eram considerados pelo censo russo como um subgrupo étnico dos então Cazaques, os quais eram nomeados como quirguizes, ou quirguiz-cazaques (Olivier, 1990).

vontade muscovita. Embora criticada por líderes regionais autóctones — incluindo os Bolcheviques não-eslavos —, a ação do órgão em relação à autodeterminação dos povos foi acompanhada de problemáticas específicas referentes a cada uma das distintas comunidades étnicas. Em *Toshkent/Tasquente*, no Uzbequistão — na época, a região era denominada de Turquestão/*Turan*, e englobava a maioria dos povos da Ásia Central, visto que era uma divisão administrativa da então RSFSR —, as desavenças entre os revolucionários locais e os eslavos foi amenizada com a iniciativa do *Sovnarkom* e do Conselho Nacional do Turquestão (*TNK*), em uma reunião do Quarto Congresso Extraordinário do Turquestão, na cidade de *Kokand/Cocanda*. Dentre as decisões tomadas, em Dezembro de 1917, o congresso proclamou a “Autonomia do Turquestão” e, em abril de 1918, acabou se formando então a República Federativa Soviética do Turquestão (RFST) (Sabol, 1995; Pipes, 1997; Haugen, 2003).

Diante da criação da RFST — fenômeno este acompanhado de ressentimentos locais pelos conflitos entre as forças do exército vermelho para com as comunidades revoltosas de *Basmachi* —, a fundação de diversos comissariados para assuntos militares, legais, comunicativos e, também, nacionais foi efetivada, remodelando algumas dinâmicas regionais, como por exemplo, a delegação dos cuidados sobre instituições de ensino, culturais, os sistemas de justiça e outros âmbitos burocráticos para as mãos das elites locais. Tais políticas receberam o nome de *Korenizatsiia*¹⁰ (Sabol, 1995; Pipes, 1997). Ainda que o fenômeno possa ser considerado uma vitória para as nações ali presentes, os atritos ainda se perpetuaram e, acima de tudo, entre as próprias minorias. Embates étnicos entre os diversos povos da RFST fez com que, ao longo dos anos seguintes, uma fragmentação e formação de novas Repúblicas Socialistas fossem acontecendo, todas elas nomeadas de acordo com os diversos etnônimos da região — cazaques, quirguizes, uzbeques, turcomenos e tadjiques —, levando então a RSFSR aos preparativos para a formação da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Ademais, antes de falar sobre as formações individuais de cada RSS, RSSA ou qualquer outra denominação para as divisões nacionais da URSS, compreender como se relacionava o fenômeno nacionalista para com o alto escalão soviético é de suma importância, visto que, na prática, ambas as partes se digladiavam incessantemente e eram incompatíveis de acordo com a ótica revolucionária. Desde o processo revolucionário de 1917, as aspirações nacionais passaram a ser um assunto importante para as lideranças da RSFSR e suas respectivas divisões administrativas.

¹⁰ A *Korenizatsiia*, ou “indigenização” compreende(u) o conjunto de políticas da URSS iniciadas por volta de 1920, que possuíam o propósito de inserir as comunidades étnicas locais — em especial na Ásia Central — nos órgãos e instituições das divisões administrativas de maioria não-eslava. Em suma, a *Korenizatsiia* foi responsável por inserir as comunidades étnicas no cotidiano administrativo e cultural-identitário das RSSs, RSSAs e *Oblasts* autônomos de maioria não russa (não-eslava) (Olivier, 1990).

Na perspectiva marxiana, segundo Haugen (2003), “O Marxismo, a nível teórico, rejeita a ideia de nação enquanto algo natural”, argumentando que o fenômeno é fruto de evoluções históricas e, acima de tudo, do capitalismo. A previamente citada incompatibilidade — confirmada através de tentativas falhas de conciliação étnico-burocrática da Ásia Central — se conjectura a partir de sua “ausência de valor”. Para os bolcheviques, a ideia de comunidade nacional não possui capacidade por si só, pois deve ser utilizada por meios de transformação e revolução para atingir os objetivos e mudanças necessárias para o bem-estar do Povo — enquanto parte da revolução —, isto é, enfatizando a luta de classes e a laborização das comunidades previamente mencionadas (Haugen, 2003).

Nesta ótica, Slezkine (*apud* Haugen, 2003) alega que Lênin era um autodeclarado internacionalista que, muito embora tivesse rejeitado a ideia da cultura nacional, compreendia ainda a necessidade da divisão das populações — em específico da URSS — de acordo com suas características de contraste, como línguas, identidades, etc. A partir do ano de 1913, os Bolcheviques passaram a dar uma maior atenção à questão nacional, suas problemáticas e, ao longo dos anos subsequentes, repensar sua utilidade — neste mesmo ano, Stalin escreveu avidamente sobre o tema —. Com a evolução dos estudos bolcheviques sobre a questão nacional, é possível afirmar que Stalin passou a definir a ideia de nação enquanto uma “infusão” entre a perspectiva primordialista sobre a nacionalidade e comunidades nacionais propriamente ditas (Haugen, 2003).

Muito embora seja paradoxal, a ideia do Estado soviético se organizar burocraticamente a partir de preceitos de definição nacionais se fez presente logo após a Revolução. A ligação estabelecida entre a ideologia do PCUS e a criação das repúblicas nacionais se consolida através da delimitação territorial de acordo com as etnias predominantes, promulgando um rearranjo geográfico das então divisões administrativas da RSFSR, posteriormente formando novas Repúblicas Socialistas, nomeadas seguindo esta mesma dinâmica e dando origem às RSSs e RSSAs (Sabot, 1995; Haugen, 2003; Ubiria, 2016). Para compreender os processos de delimitação étnico-geográficos no âmbito soviético, é necessário observar como as decisões burocráticas do Estado percebiam as aspirações nacionais e as utilizavam em prol da delegação de territórios em nome dos povos da URSS.

3. AS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS DA ÁSIA CENTRAL E AS DINÂMICAS DE REMODELAGEM

Durante o período revolucionário, a centralização partidária fez com que a reorganização burocrática da então República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR) se consolidasse. Com este processo, organizações do Estado se fizeram presentes no ato da alteração das fronteiras e delimitação dos povos em relação à terra propriamente dita, delegando as faixas nas quais cada uma das etnias se encontravam em predominância, originando assim as RSSAs e RSSs — como também outras divisões menores — e suas denominações, como a Quirguiz [Cazaque], a/o Kara-Quirguiz [Quirguiz], Cazaque, Uzbeque, etc.¹¹ — muito embora suas formações não tenham acontecido, necessariamente, nesta ordem — (Haugen, 2003; Sabol, 1995; 2003).

No entanto, para o entendimento destas dinâmicas, é necessário compreender como e a partir de quais pretextos a PCUS se fez presente neste processo. Segundo Arne Haugen (2003), o fenômeno da “delimitação” ocorrida em 1924 — ano no qual as divisões nacionais passam a acontecer fervorosamente — foi catalisada pelas próprias aspirações nacionais das comunidades centro-asiáticas, as quais foram utilizadas pelo Estado soviético em prol do anteriormente citado processo de bolchevização e sedentarização das comunidades autóctones da região. Com a politização dos movimentos identitários a partir de 1920, o peso destas comunidades e a sua plena capacidade de influenciar os processos de divisão das regiões administrativas foi, em suma, caracterizada pela presença de personagens e políticas importantes na esfera local (Haugen, 2003).

No âmbito doméstico — centro-asiático, em específico —, a relação entre os povos da Ásia Central — Turquestão — tornou-se muito caótica ou muito fria em alguns casos. Na região de *Bukhara*/Bucara e *Khiva*/Quiva, enquanto os canatos “independentes” da total burocracia soviética — mas ainda em *status* de protetorado — eram acompanhados pelos acontecimentos da Revolta de Basmachi (1916-34), considerados pela política soviética como contra-revolucionários, o cenário entre os as lideranças eslavas e as comunidades da Ásia central se derrocou em uma dinâmica de perseguição e expurgo das entidades contrárias às entidades eslavas — imperial e soviética —, com a ocorrência do uso da violência física e afins (Sabol, 1995).

¹¹ Muito embora cada etnônimo estivesse em processo de consolidação durante os anos de indigenização, a entropia tribal na Ásia Central já se caracterizava pela convivência entre as comunidades nômades, as quais sabiam da existência mútua e era capaz de discernir as diferenças de identidade sem a necessidade de um “rótulo” trazido pelo censo eslavo.

Por outro lado, quando observado o caso do desenvolvimento da nação cazaque e sua trajetória ao longo os anos de revolução, ao contrário dos acontecimentos contrários aos bolcheviques de *Toshkent/Tasquente* — tal qual a Revolta de Basmachi —, a relação entre a violência do Estado contra os povos do então Cazaquistão foi, entre muitas aspas, mais pontual, ainda que presente. No entanto, a ilustração destas relações aqui citadas possui o propósito de elucidar como as muitas mudanças na burocracia e administração da Ásia Central se fez levaram a dinâmica ao ponto de um estopim para diversos conflitos, em especial o caso da *Alash Orda/Autonomia de Alash*, liderada por Alikhan Bokeikhanov entre 1917 e 1920 (Karasayev *et al*, 2018)

Em retorno ao processo de transformação das divisões administrativas, respectivamente, o fenômeno se inicia em 1917 com a formação da então RSFSR, após a Revolução Bolchevique. Na Ásia Central, o Quinto Congresso dos Sovietes de 1918 aprovou então a alteração do *status* do *Krai* do Turquestão para o patamar de uma República Federativa Soviética, formando então a previamente citada República Federativa Soviética do Turquestão (RFST), influenciando então o governo e os subgovernos regionais ao redor da RSFSR a, gradualmente, a passarem por eventuais reformas administrativas (Haugen, 2003; Sabol, 1995).

No decorrer dos anos, em 26 de Agosto de 1920, o Comitê Executivo Central de Toda a Rússia (*VtsIK*) e a Conselho de Comissários do Povo (*Sovnarkom*) decretaram a formação da República Socialista Soviética Autônoma Quirguiz [Cazaque] (Sabol, 1995). Acompanhando este fenômeno, o florescer da distinção entre outras nações das regiões da URSS começavam a se consolidar através da criação de outras Repúblicas Socialistas.

Em 1921, com a petição do Congresso Regional dos Sovietes da Transcáspia¹², deu-se início ao processo de ruptura da região, renomeando-a para “Território Turcomeno”, que futuramente viria a se tornar a RSS do Turcomenistão no ano de 1924 (Sabol, 1995; Haugen, 2003). Ao longo dos congressos e discussões, Lênin e outras autoridades do *Sovnarkom* viram então a necessidade de aprofundar ainda mais as estratificações étnicas em função das delimitações nacionais e, nos anos subsequentes, fizeram o uso do “mapa etnográfico”¹³ trazido nos fóruns entre 1920 e 1921 para originar então as regiões da “Uzbéquia”, “Quirguízia” e “Turcomênia” — *Uzbekia, Kirghizia e Turkmenia*, em russo, ou *Ozbekiston, Qyrgyztan e Türkmenistan* em suas respectivas línguas —, as quais se tornaram RSSs no

¹² A Transcáspia compreende, atualmente, à região do Turcomenistão. Até 1921 foi um *Oblast* da RSFSR, como também durante o Império Russo até 1917 (Haugen, 2003).

¹³ O mapa etnográfico compreende os estudos e materiais reunidos durante a análise das fronteiras até o ano de 1924, quando o *Sovnarkom* colocou em prática as políticas de divisão nacional e renomeação das RSSs (Hauge, 2003; Sabol, 1995).

futuro.

Em Abril de 1922, o Conselho Executivo Central do Turquestão (*Turktsik*) delegou faixas de terra do então *Oblast* de *Semirechye* (ou *Zhatysu* em quirguiz ou cazaque) e de regiões próximas ao rio Sir Dária/*Syr-Darya* para criar a Região Autônoma Kara-Quirguiz — *Oblast Kara-Qyrgyz* —, promovendo uma maior liberdade étnico-política para as populações da região que, em sua maioria, eram quirguizes (Sabol, 1995; Haugen, 2003; Fierman, 1991). Futuramente, os distintos canatos de Bucara e Quiva, que passavam por desavenças entre os movimentos nacionais, foram embebidos de instabilidade no tocante às suas relações com a Rússia soviética.

Com o advento da criação da República Popular Soviética da Corásmia/*Khorezm* em 1920, que englobava os canatos anteriormente citados, diversos conflitos étnicos passaram a acontecer. Diversos soviétólogos e críticos da gestão soviética caracterizam o fenômeno da dissolução das regiões administrativas e a ramificação das mesmas em Repúblicas como uma tática de “dividir para conquistar”. Muito embora tal fenômeno seja passível de ser considerado um método de controle, a proposta de concessão de terras em prol da coesão e sedentarização das comunidades foi, ao longo dos anos, um artifício crucial para a construção dos imaginários locais (Sabol, 1995; Esenova, 2002). O artifício das concessões para a vastas comunidades étnicas da URSS e, em específico, da Ásia Central, foi retratado por Saulesh Esenova (2002). Em seu trabalho, Esenova (2002) explica como o fenômeno da “ocidentalização” das comunidades étnicas soviéticas — em específico a cazaque — foi capaz de moldar o imaginário local ao longo dos anos.

Nesta perspectiva, Esenova (2002) ressalta a complexidade cultural e as dinâmicas de remodelagem utilizadas pelo *Sovnarkom* para a transformação da região como um todo. Com isto, ela afirma que os Estados modernos da Ásia Central são unilateralmente uma criação soviética. Ademais, Esenova (2002) e seu trabalho são capazes de instigar a reflexão sobre a construção da identidade cazaque, como também de que maneira a relação entre povo, terra e governo foi capaz de moldar o *qazaqshylyq*. Observando então a relação étnico-burocrática do âmbito soviético, vale ressaltar o ramo modernista do estudo do nacionalismo, que considera o fenômeno da nação como um produto advindo dos esforços das elites, indagando a sensação de “posse” da nação para com o indivíduo que se constroi através da adoção de políticas de fomentação dos imaginários burocráticos, identitários, linguísticos e de qualquer esfera que diga respeito à ação das instituições do Estado em relação ao seu povo (Ubiria, 2016). Isto é, consideravelmente, um paralelo da criação do *nationess* da Ásia Central durante a sovietação, visto seu processo envolto nas camadas de decisão das instituições burocráticas influenciadas pelas elites intelectuais e políticas.

Não obstante, Esenova (2002) e Tuminez (2003) fazem ponderações sobre as determinantes do conceito de identidade e nação, respectivamente. Enquanto Esenova (2002) caracteriza a intrusão do Estado soviético na formação das identidades nacionais, observando-a como uma atitude influente no decorrer do fenômeno, Tuminez (2003) molda preceitos necessários para compreender o *nationess*. No tocante à visão de Esenova (2002), a mesma evidencia os atritos entre acadêmicos soviéticos e pós-soviéticos relacionados à problemática da artificialidade das delimitações nacionais e da construção das identidades na Ásia Central, relatando como as elites intelectuais se encaixavam como uma ferramenta através da qual o Estado soviético pôde operar, delimitando o cotidiano midiático e acadêmico das divisões administrativas de acordo com parâmetros que fizessem sentido para o Estado. Em retorno à Tuminez (2003), a autora relata o peso do processo da ramificação administrativa — ou surgimento das Repúblicas Socialistas — como um catalisador para o fortalecimento do fenômeno contra-revolucionário — a(s) revolta(s) — já conhecido desde antes da sovietação.

Dado o teor das dinâmicas entre a gestão russa imperial e bolchevique para com os povos autóctones da Ásia Central, um problema bastante conhecido na formação das repúblicas nacionais dentro da União Soviética é a capacidade que o imaginário das nações possui de causar instabilidade civil e política em diversas partes da “confederação”. Dentre tais eventos, o mais importante para a compreensão da formação do nacionalismo cazaque é a breve existência da *Alash Orda*/Autonomia de Alash, que ocorreu entre 1917 e 1920 (Sabol, 1995). Neste intervalo de tempo, boa parte Norte do atual Cazaquistão — que nominalmente pertenciam à RFS/RSS do Turquestão — compreendeu um Estado não reconhecido pela RSFSR e sua constituição, sendo considerado assim uma entidade política revoltosa (Haugen, 2003; Karassayev *et al*, 2018).

Com o seguir do anos, as mudanças fronteiriças e rearranjos burocráticos ocorridos entre o “período de transição” e a sucessão de eventos distintos se fizeram importantes para a análise do desenvolvimento do fenômeno nacionalista cazaque. Sobre o surgimento de sua identidade étnico-política, acontecimentos como o embrionamento da *intelligentsia* cazaque no campo midiático e educativo (1864 em diante); a revolução russa e a formação da *Alash Orda* (1917; 1917-1920, respectivamente), o início da *Korenizatsiia*, ou “indigenização” das políticas soviéticas, principalmente na Ásia Central (1920 em diante); a quebra do *Oblast* do Turquestão e sua transformação em outras divisões administrativas que foram até então brevemente elucidadas (1918-1924), podem ser considerados os momentos de maior peso em todo o processo de desenvolvimento nacional do *qazaq eli* (Olivier, 1990; Haugen, 2003; Sabol, 1995; Esenova, 2002). No mais, todas as reorganizações burocráticas e administrativas

na Ásia Central originam os processos de aspiração nacional por toda a Ásia Central e, em específico, nas estepes cazaques.

3.1. As fronteiras da Ásia Central, a insatisfação cara-quirguiz e a ótica cazaque

A Ásia Central, abarca diversas definições que se moldaram ao longo dos anos. Segundo Morgan Liu (*apud* Artman e Diener, 2022, p. 138), “a Ásia Central compreende uma região subestimada a qual pode ser considerada um buraco negligenciado no mapa da academia ocidental”, visto que, desde os tempos mais primitivos, a região foi tida como um local ermo e distante do restante das civilizações, ultrapassando os conceitos de determinação geográfica então existentes — com fronteiras não distinguíveis — e, ainda por cima, pouco explorada.

Um fator importante para a análise do “discurso geográfico” é a ideia da imensidão das entidades políticas presentes no processo de colonização da Ásia central. Durante “O Grande Jogo” — fenômeno que compreendeu o embate entre o Império Russo e a coroa britânica pelo controle da “fronteira” entre as “Índias” (Hindustão) e a Ásia Central (Transoxiana) —, ocorrido no século XIX, o jogo de anexações se fez presente como um determinante físico para os limites até então imaginários para os povos da região. Naquela época, a geografia humana era responsável por, na Ásia Central, determinar seus limites de acordo com dinâmicas propostas por entidades políticas mais poderosas e de influência maior que as comunidades autóctones.

No caso da Ásia Central, a presença do Império Russo, dotado de seu próprio discurso acerca das fronteiras — que determinava o russo e não-russo de acordo com os indivíduos que estão ou não inseridos em seus limites — foi capaz de englobar as comunidades autóctones da região ao longo dos anos. No caso dos povos turcomanos da Ásia Central, a ideia de limites estabelecidos de acordo com artefatos não palpáveis — idiomas, línguas e culturas —, em combinação com a existência física dos Montes Urais dividindo a extensão do Império Russo ao meio foi capaz de exercer certa influência neste processo (Artman; Diener, 2022; Haugen, 2003).

Nesta perspectiva, a absorção do Canato Cazaque pela coroa eslava foi um fenômeno gradual dotado de uma ocidentalização dos costumes locais, que passaram a ser regidos por comunidades eslavas cristãs-ortodoxas, que desvalorizavam o aparato cultural turcomano-islâmico e promoviam um processo de ofuscamento ao longo dos anos, consolidando um paradigma de “amizade” entre entidades políticas — povos autóctones e o Estado russo-eslavo — capaz de subjugar as comunidades locais através de uma dinâmica de subserviência através do compartilhamento do espaço cotidiano entre os colonos e os locais

(Haugen, 2003; Auezova, 2011).

Para Artman e Diener (2022), os povos da Ásia Central eram vistos como ferramentas capazes de catalisar a dominância sobre as comunidades. Fenômeno este ocorrido através da implantação das políticas anteriormente citadas, pois, se levarmos em consideração a inexistência das fronteiras físicas e a força das culturas nômades da região, a “terra” enquanto propriedade dos povos autóctones era um artefato de constante mudança, visto que a dinâmica de pastoreio é segmentada através do ciclo entre a necessidade e do acaso, como também a sedentarização repentina estava sendo cada vez mais inserida no dia a dia da população. (Christian, 2018; Haugen, 2003).

Segundo Benedict Anderson (1995), as fronteiras eram “porosas” no imaginário mais antigo — antes da concepção moderna do Estado —, e se baseavam em centros, isto é, se remodelavam de acordo com a distribuição de suas comunidades que, em certa parte, se concentravam mais intensamente em uma província, região ou faixa de terra específica. No caso cazaque, a natureza nômade, ligada à dinâmica porosa¹⁴ advinha do campesinato e pastoreio rotativos herdados dos tempos mais remotos até a dissolução do Canato Cazaque (*Qazaq Handyğy*) em 1848, quando foi absorvido pelo então Império Russo (Sabol, 2003).

Segundo Steven Sabol (2003), para os cazaques a “terra” é dotada de um simbolismo que ultrapassa a percepção geográfica da mesma. Segundo o autor, é um artefato intrinsecamente ligado com as tribos/*zhuzes* (“juzes” em transliteração ou *zhuzder*, no plural em língua nativa) cazaques, dando origem então às fronteiras míticas que sempre foram de utilidade para a confederação tribal para diferenciar as mesmas dos “outros” (*šeteldik* - estrangeiro). Nesta percepção, Sabol (2003) ressalta ainda o vocabulário cazaque e os vários significados para a palavra “terra”: fisicamente, a palavra *zher* (jer) é entendida, literalmente, como terreno ou região geográfica, palpável e passível de ser possuída; *topyraq* compreende a terra, solo ou qualquer material que seja compreendido como capaz de comportar qualquer utilidade para o campesinato ou cultivo; *atameken* ou *atazhurt* (atameken ou atajurt) são interpretados como “terra-pai” ou “terra-mãe”, ou seja, é um conceito mais abstrato e está inteiramente ligado com a dinâmica de pertencimento do povo cazaque em relação à dinâmica territorial.

Muito embora Sabol (2003) interprete o *atazhurt* como uma percepção emocional da “terra” para os cazaques, ressalta que essa ótica era fraca até o início da colonização e anexação por parte do Império Russo. Não obstante, o conceito de *el* — *qazaq el* —,

¹⁴ Não necessariamente a porosidade da relação entre o povo e uma fronteira é exclusiva das comunidades nômades, mas se encaixam perfeitamente no caso dos grupos étnicos rotativos, visto a sua maleabilidade e necessidade incessante da busca por novas terras mais aptas para convívio, com recursos mais abundantes, etc. Anderson (1995), em seu texto, se expressa de maneira geral, englobando as comunidades pré-Estado.

entendido como “nação”, também passa a se aflorar com o início da dominância eslava. No entanto, as dinâmicas de entendimento serão posteriormente explicadas em conjunto com a evolução da elite intelectual e política cazaque, responsável por moldar os ideais nacionais ao longo dos anos através dos meios de comunicação.

Em retorno à discussão das fronteiras, durante o processo revolucionário em 1917, a formação da República Federativa Soviética do Turquestão em 1918 — que deixava o status de *Oblast* da RSFSR e passava a ter certa autonomia — que no mesmo ano se tornaria uma RSSA e, em 1920, uma RSS, passaria por um processo de divisão, dando origem ao Oblast Autônomo Kara-Quirguiz, à RSSA Cazaque e entre outras na região (Olivier, 1990; Sabol, 1995). No entanto, estes acontecimentos resultaram em dificuldades na aplicação da *Korenizatsiia* e no manejo das fronteiras nas divisões administrativas. Devido à maleabilidade das comunidades nômades e a dificuldade na sedentarização das mesmas exercidas durante os anos de 1920, conflitos políticos entre os diversos povos se tornaram um desafio presente e de difícil resolução durante a formação da Ásia Central soviética.

Considerando a magnitude e a estagnação das mudanças em 1936 a partir formação da RSS do Cazaquistão — anteriormente organizada como RSSA Quirguiz¹⁵ [Cazaque] —, acompanhada da transformação do *Oblast* Autônomo Quirguiz também em uma RSS, existe então a necessidade de se compreender o decorrer do fenômeno, como e por quais motivos as divisões ocorreram, do ponto de vista burocrático.

Segundo Arne Haugen (2003), as dinâmicas de rearranjo geográfico baseadas nos preceitos de cunho étnico e linguístico se originaram a partir da necessidade de determinar as faixas de terra de acordo com os grupos étnicos dominantes. No caso da delimitação de 1924, a consideração das “três principais nacionalidades” foi o alicerce para os processos de transformação pois, para o Comitê Central e o *Sovnarkom*, os turcomenos, quirguizes [cazaques] e uzbeques eram — em número e relevância política — a maioria na região do Turquestão, Corásmia e Bucara. Este panorama foi responsável por, ao longo dos anos, originar discussões e sensações de revolta entre os kara-quirguizes [quirguizes] com as mudanças e o processo de autodeterminação das comunidades, visto que estes últimos se encontravam em situação de exclusão do plano de indigenização.

Acerca da “cazaquização” da Ásia Central — em específico do território que se tornara a RSS do Cazaquistão —, muito se deve à sensação de revolta kara-quirguiz [quirguiz] diante da exclusão anteriormente citada, em conjunto com as aspirações nacionais quirguizes [cazaques] propriamente ditas. O início da ruptura *Kara-Qyrgyz*, do ponto de vista

¹⁵ Até a formação da RSS Cazaque e Quirguiz, em 1936, o censo soviético caracterizava os Cazaques e Quirguizes como um só povo. Intitulando os primeiros como Quirguizes e os segundos como Kara-Quirguizes (Olivier, 1990).

histórico, pode ser identificada com a insatisfação dos quirguizes étnicos, os quais eram considerados um “subgrupo” inserido no campo quirguiz [cazaque]. Nesta ótica, segundo Haugen (2003), a “hierarquia” das comunidades do Turquestão, em específico as duas comunidades mencionadas, consistia em um conjunto de problemas de gestão burocrática e de estudo etnográfico que se originaram desde o Império Russo.

A problemática do ofuscamento da comunidade *Kara-Qyrgyz* se baseava no censo étnico russo-eslavo em relação aos povos da Ásia Central. Comunidades como os Kara-Quirguizes [Quirguizes], Caracalpaques/*Qaraqalpaqs* e Tadjiques/*Todzhiks* se encontravam em um dilema sobre a autodeterminação e as tentativas de preservação cultural, sendo corriqueiramente colocados em segundo plano. Enquanto os Quirguizes [Cazaques], Uzbeques e Turcomenos possuíam mídias (livros, revistas, jornais) e políticas de manutenção cultural, as demais comunidades citadas se encontravam em um limbo quando o assunto era o desenvolvimento de suas identidades (Haugen, 2003; Sabol, 1995). Isto, aliado à fomentação da identidade cazaque, fez com que os ânimos no âmbito político regional acelerasse os processos de formação das novas RSSs, originando, por fim, a RSS do Cazaquistão em 1936, a partir do desmembramento da RSSA Quirguiz [Cazaque] e a transformação do *Oblast* Autônomo Quirguiz [Kara-Quirguiz] na RSS Quirguiz neste mesmo ano (Haugen, 2003; Olivier, 1990).

No mais, ainda que a insatisfação *Kara-Qyrgyz* sobre o decorrer da *Korenizatsiia* operasse como um catalisador e ferramenta de negociação das fronteiras durante a aplicação das políticas de indigenização e rearranjo geográfico, o fenômeno do “nascimento” das RSSs do Cazaquistão e Quirguistão — duas repúblicas distintas — em 1936 se fez a partir de uma conjuntura de elementos primordiais. Como o foco deste estudo consiste na análise do desenvolvimento do sentimento nacional Cazaque, é importante ressaltar que a compreensão do nascimento de uma RSS Cazaque advém das tentativas das elites intelectuais do campo historiográfico soviético que, através de um esforço em prol do letramento geral — sobre a definição do ser cazaque — no sistema educacional e acadêmico foram capazes de determinar — ao menos historicamente — as diferenças entre os povos considerados iguais e generalizados pelos russos eslavos.

Quando Anderson (1995) faz a citação da evolução do setor editorial enquanto fenômeno para a catalisação da identidade europeia que, através da mídia impressa, acaba por propagar de maneira distinta suas diversas identidades, pode-se fazer um panorama com a criação das nações centroasiáticas e, em específico, sua relação com as fronteiras. Enquanto Haugen (2003) e Auezova (2011) se utilizam do papel da mídia cazaque na construção da identidade étnico-nacional como um todo, a inexistência das fronteiras físicas vêm à tona,

visto que durante os anos de indigenização, as sensações de pertencimento eram inexistentes até a formação da RSS Cazaque e Quirguiz em 1936. A ótica andersoniana do papel da “mercantilização” das informações como um veículo de propaganda e crescimento identitário se encontra com o caso cazaque no campo utilitário como um todo, isto é, na capacidade da mídia e das informações de modelar um conceito identitário ao longo do tempo e, em ambos, sendo liderados por personagens políticos importantes: no caso europeu, os reis e líderes políticos; no caso cazaque, personagens influentes no meio cultural e midiático durante a guinada jornalística no decorrer da formação da *intelligentsia* cazaque.

Durante os primeiros anos de desenvolvimento da *intelligentsia* cazaque (por volta de 1860), a percepção de suas fronteiras étnicas, isto é, as distinções entre os povos e comunidades autóctones da região era feita através dos contrastes culturais. O fenômeno da semelhança entre os povos da Ásia Central, em específico dos quirguizes [quirguizes] e cazaques, se fundamentou e se consolidou através do processo de dominância russo. Enquanto os povos autóctones sabiam as diferenças entre si, a relativização destes contrastes se fez presente durante os anos de desenvolvimento da Ásia Central com a chegada da coroa russa. Nesta ótica, a criação das primeiras fronteiras físicas (com a fundação do *Krai* do Turquestão) durante os anos de anexação e até o remanejo geoétnico se consolidaram, sempre, através da ótica de soberania imposta por parte dos eslavos (Ohayon, 2016).

No mais, a consolidação das fronteiras cazaques foi um grande marco para a preservação e manutenção de suas identidades, visto que, através das mesmas, o panorama entre as definições de *topyraq* e *atazhurt* poderia, ao longo dos anos de desenvolvimento identitário, andar lado a lado no processo de *nation-building* e de embrionamento do *qazaqshylyq*. Ademais, é possível dizer que o processo de criação das fronteiras cazaques foi — durante a bolchevização — um marco pontual na definição do *qazaq eli* e da percepção do “eu” e do “outro” no processo de *kazakizatsiia*¹⁶.

3.2. A origem da *intelligentsia* cazaque e a formação da Autonomia de Alash

Para Arne Haugen (2003), o conceito de *intelligentsia* compreende uma elite intelectual caracterizada pela aversão à russificação de determinada comunidade autóctone que esteja em processo de dominância pela coroa russa, podendo ser considerada uma entidade capaz de representar determinado grupo étnico no âmbito doméstico da dinâmica centro-periferia exercida pela Rússia imperial e, posteriormente, soviética.

Nos primeiros anos de embrionamento da elite intelectual cazaque, indivíduos letrados

¹⁶ Segundo Olivier (1990), as correntes da *Korenizatsiia* eram renomeadas de acordo com a necessidade e local de aplicação das políticas de indigenização. Cada região recebia suas próprias políticas, adotando o nome de cada povo da URSS.

insatisfeitos com a gestão da coroa russa sobre as estepes da Ásia Central fez com que, a partir de 1861, se unissem em prol do desenvolvimento de uma “elite secular” (Olcott *apud* Haugen, 2003) que fosse capaz de exercer influência na relação russo-cazaque ao longo dos anos subsequentes. O processo da evolução da *intelligentsia* cazaque muito se deve ao “iluminismo democrático” advindo dos pensamentos europeus trazidos no processo de gradual ocidentalização da coroa russa e de suas regiões administrativas. Isto, aliado à formação de entidades capazes de influenciar a política doméstica através da mídia, como também a formação de muitas instituições foram capazes de ditar o ritmo de influência da elite secular no processo de formação nacional cazaque e, principalmente, na estratificação da identidade Quirguiz [Cazaque], que caminharia em direção à um processo de ramificação (Haugen, 2003; Kesici, 2017).

No processo de formação da *intelligentsia*, diversos sinais do crescimento literário já se faziam presentes antes mesmo de 1861. A publicação da obra chamada *Seifulmalik* — baseada em contos tradicionais — em 1807 foi a primeira impressão em língua cazaque, se utilizando do antigo alfabeto/abjad árabe adaptado. Até o ano de 1861, somente mais quatro obras foram publicadas se utilizando do mesmo alfabeto — um volume consideravelmente baixo — e, no mesmo ano, o primeiro uso do alfabeto cirílico na escrita cazaque ocorre através da publicação de materiais pedagógicos para o ensino de crianças nesta transição (Haugen, 2003).

Sobre o surgimento de personagens importantes tanto para a *intelligentsia* quanto para a formação da Autonomia de Alash, a existência do Corpo de Cadetes de Omsk (*Omsk kadetskii korpus/OKK*) e da graduação militar-acadêmica de Chokan Valikhanov foi de extrema importância para o surgimento de outros indivíduos relevantes na elite intelectual cazaque. No âmbito cazaque, Valikhanov foi tido como o primeiro intelectual — após a dissolução do Canato — do povo [Cazaque] e era enxergado como uma ponte entre o pensamento russo para com a cultura nômade. Durante seus anos de serviço na OKK, Chokan Valikhanov obteve contato com figuras importantes da Rússia imperial, como Grigory Potanin — grande historiador e etnólogo russo — e outros orientistas, como também foi embebido em obras de autores como Alexandr Pushkin, Nikolai Gogol, Charles Dickens e William Thackeray (Haugen, 2003).

O fato de Valikhanov ter obtido contato com figuras ou obras tão distintas do cotidiano cazaque fez com que ocorresse um certo distanciamento de sua pessoa com as raízes islâmicas cazaques, como também uma aproximação maior com a ideia de “nação”. Segundo os relatos de Haugen (2003), Valikhanov participou de diversas missões de patrulha e foi realocado em diversas partes do então Império Russo — Sibéria, Semipalatinsk, etc. — e do Turquestão

Chinês — Xinjiang —, realizando serviços de inteligência. Neste processo, a obtenção de diversos manuscritos e obras durou até o ano de 1859, quando Valikhanov obteve a informação da morte por decapitação de um explorador germânico (Adolf Schlagintweit) na região de *Kashgar* — em Xinjiang —, retornando então à coroa russa portando as descobertas e, infelizmente, a cabeça do explorador alemão — segundo rumores (Haugen, 2003).

O retorno de Valikhanov após os anos de exploração podem ser considerados um abandono do ofício em prol de sua segurança, visto que sua visão secular ia de encontro com muitas comunidades autóctones turcomanas. Não obstante, sua volta foi capaz de instigar a busca das elites intelectuais por conhecimento e, também, a estudar seus manuscritos. Muito embora seus últimos anos tenham sido bastante ermos, sua morte por tuberculose em 1865 foi um ponto crucial para a valorização de seus trabalhos, indagando publicações a partir de 1904, através do vigésimo nono volume do periódico *Zapiski*, na seção etnográfica da Sociedade Geográfica Russa (RGS) (Haugen, 2003). No mais, Valikhanov pôde ser considerado o primeiro homem cazaque a se preocupar com a preservação das identidades no Império Russo, se levado em consideração todo o seu esforço no estudo das diversas comunidades étnicas presentes nas fronteiras.

O caráter de transcendência da perspectiva de Valikhanov demarcou uma dinâmica de opostos no pensamento cazaque da época — sedentarismo *versus* nomadismo; turcomanos *versus* eslavos; muçulmanos *versus* cristãos, etc. —, acontecimento este caracterizado pelas duras críticas do explorador à ambas as culturas, pois, para ele, as duas estavam distantes do modelo secular europeu que, segundo o mesmo, representava o progresso e o avanço à educação (Haugen, 2003). Nesta ótica, diversos esforços foram feitos em prol do letramento da juventude cazaque, buscando combater o analfabetismo através da reforma educacional proposta por Ybyrai (Ibrahim/Abraão) Altynsaryn, já em 1879.

A reforma ortográfica cazaque, proposta por Mukhamedzhan Tynyshbaiuly em combinação com o modelo educacional de Altynsaryn deram início ao processo de formação de uma juventude mais bem instruída sobre a própria história. Através do esforço de intelectuais próximos, a criação da primeira escola feminina de *Turgay* em 1981 e a adoção do russo e do cazaque como línguas oficiais no âmbito educacional foram também parte do fenômeno como um todo (Haugen, 2003). Enquanto as mulheres ganhavam espaço — ainda que pequeno — na educação nacional e os cazaques passavam a consumir uma vasta literatura, a construção do *qazaqshylyq* tomava forma vagarosamente. Se observarmos o surgimento do ideal nacional cazaque a partir de uma ótica perenialista, é possível considerar a influência dos indivíduos capazes de moldar — mesmo que minimamente — a evolução deste processo. A partir de uma percepção modernista, a caracterização da autoimagem

cazaque se modela a partir da utilização dos acontecimentos previamente citados, pois, se considerarmos a consolidação da identidade a partir da autorreflexão, Valikhanov foi capaz de, através de seus trabalhos, compreender a diversidade presente nas regiões da Rússia.

Este processo de imaginação de uma comunidade coesa se fez presente, anos mais tarde, através da formação de partidos e, principalmente, de entidades políticas capazes de manter as características sociais, políticas e culturais dos cazaques — exclusivamente —, comandadas por membros da *intelligentsia* étnico-nacional. Dentre as experiências, a mais bem-sucedida — se considerarmos a consolidação de uma entidade dotada de limites étnico-geográficos — foi a Autonomia de Alash.

Durante a revolução de 1917, a *intelligentsia* cazaque engrenou na tentativa de formar um Estado nacional independente e separado da RSFSR, dando origem à *Alash Orda* ou Autonomia de Alash. Fundado no Segundo Congresso de Todos os Quirguizes [Cazaques] — o mesmo fórum responsável pelo distanciamento dos colonos russos na Ásia Central em Abril de 1917 —, o partido de Alash era composto por membros da *intelligentsia*, em sua maioria jornalistas, políticos ou figuras influentes na esfera doméstica (Karassayev *et al*, 2018).

Com a sua proclamação, a *Alash Orda* (AO) comportou as regiões de *Bukey*/Buquei, Ural, *Turgay*/Turgai, *Aqmola*/Akmola, Semipalatinsk e Altai, sendo essas partes amplamente povoadas por cazaques. No ano de 1919, Alikhan Bokeikhanov consegue — efetivamente — a “autonomia” do partido e, no decorrer dos anos, entra em embate com os bolcheviques através da criação de uma milícia armada nas mais variadas partes do mais novo país (Karassayev *et al*, 2018). Na gestão da Autonomia de Alash, as regiões do pseudo-Estado — visto que este não fora oficialmente reconhecido pela RSFSR — foram divididas entre membros da elite intelectual e política da época, votados através de assembleias — dentro do AO — com a intenção de delegar responsabilidades para cada membro do partido. Personagens como Ualikhan Tanashev, Khalil Dosmukhamedov, Aidarkhan Turlybaiev, Akhmet Birimzhanov, Khalil Gobbasov, Sadyk Amanzholov, Mustafa Chokayev (Shokay) foram incumbidos de cuidar de diversas partes da AO. Para o controle e representação — geral — do AO no cenário doméstico internacional, como também a liderança da entidade política como um todo, foram delegados Alikhan Bokeikhanov, Mukhamedzhan Tynyshbaiuly e entre outros (Karassayev *et al*, 2024; Kesici, 2017).

No âmbito de sua função, a Autonomia de Alash possuía — de início — a capacidade de dialogar diretamente com a RSFSR e, através de uma coexistência amigável, realizar a manutenção econômica e política das regiões então possuídas pelo movimento. Sobre a órbita compartilhada pela RSFSR e a AO, o cenário se tornava instável a partir da morte de Lenin em 1924, em conjunto com a desaceleração da *Korenizatsiia*. Tal instabilidade se originou a

partir da continuação da aplicação das políticas de indigenização à nível social acompanhada das doutrinas de libertação propostas pelo finado líder, pois todo e qualquer movimento que fosse de encontro com os ideais de Stalin (já postos em prática a partir de 1922) — eram considerados contrarrevolucionários e, seus líderes, rotulados como inimigos do povo soviético (Karassayev *et al*, 2024).

Muito embora uma negatividade sobre o movimento do *Alash Orda* fosse gradativamente alimentada com as políticas stalinistas, a sua breve existência ressalta como tal experiência foi capaz de alimentar aspirações nacionais para a identidade cazaque. Muito embora não fosse reconhecida como um Estado, o movimento de Alikhan Bokeikhanov foi a primeira experiência de coesão político-social incumbida de elaborar uma constituição e a didática dos direitos e deveres para sua sociedade sendo eles elaborados por cazaques e para cazaques e vice-versa (Karassayev *et al*, 2018; 2024).

3.3. A historiografia cazaque e a modelagem da identidade nacional¹⁷

Quando se observa a construção da identidade cazaque, um ponto crucial no crescimento do *qazaqshylyq* é o papel da historiografia e fundamentação histórica sobre as definições do que é ou não cazaque. Segundo Auezova (2011), o papel das produções de cunho histórico para o estudo da etnologia soviética é de extrema importância para a compreensão do existente paradigma — na época — sobre o peso da ótica política diante da construção das identidades.

Nesta percepção, Auezova (2011) ressalta a problemática da generalização e equalização de algumas comunidades da Ásia Central. Por exemplo, a autora enfatiza a falsa percepção de entendimento dos colonizadores russos sobre os grupos em questão. Enquanto as comunidades autóctones nômades do Turquestão coexistiam, o censo russo imperial e posteriormente soviético não se utilizava das próprias nomenclaturas já existentes para diferenciá-las. Não obstante, o caso cazaque se engloba na falsa interpretação dos termos *kazak/kazaki* e *kazakh*. Enquanto o primeiro termo representa(va), em tradução, os povos Cossacos¹⁸, o segundo compreende(ia) os então Quirguizes [Cazaques] (Haugen, 2003; Auezova, 2011).

Ademais, tal problemática se dissipa minimamente, segundo Auezova (2011), a partir

¹⁷ Esta seção se debruça — quase que exclusivamente — no capítulo escrito pela historiadora cazaque Zifa-Alua Auezova (2011), intitulado “*Conceiving a People’s History: the 1920-1936 discourse on kazakh past*” pois, para este trabalho, sua contribuição sobre o fenômeno da resistência histórica cazaque no âmbito acadêmico é de suma importância.

¹⁸ Curiosamente, na língua russa a palavra *Kazak* ou *Kazaki* compreende os cossacos, exploradores nômades que eram incumbidos de defender e expandir as fronteiras russas, enquanto os cazaques eram denominados *Kazakh* (Sabol, 2003; Auezova, 2011).

da (re)valorização do estudo etnográfico e etno-histórico no campo da academia soviética. Segundo a autora, a existência de personagens importantes, responsáveis pela manutenção da percepção histórica foram responsáveis pela guinada na definição étnica do ser cazaque. De início, Auezova (2011) cita o contraste entre os materiais históricos pré-soviéticos e soviéticos, considerando-os distintos no ponto de vista da credibilidade, pois considera o teor da escrita e o respeito — ou a falta dele diante dos povos — da cosmovisão tsarista como um detalhe que se perpetuou até o processo revolucionário.

Após a chegada do bolchevismo e o crescimento dos ideais de nação stalinistas — como também da *Korenizatsiia* —, os intelectuais cazaques se encontraram em uma necessidade de promover o contraste nacional de sua comunidade diante das outras, visando combater a generalização e relativização étnicas em busca da construção de uma identidade nacional (Auezova, 2011; Haugen, 2003). Com isto, o embate acadêmico-histórico se originou, segundo Auezova (2011), a partir do ano de 1920, quando o Departamento de História e Estatística do Comissariado Militar Quirguiz [Cazaque] (*KirVoenKom/KVK*), ironicamente regido por acadêmicos russos, — dentre eles: Aleksandr Petrovich Chuloshnikov e Konstantin Dobrolvskii — entra em atrito com a elite intelectual cazaque, originando um gradual processo de descredibilização e uma necessidade de novas fontes, mais precisas e capazes de explicar a origem do povo cazaque de um ponto de vista menos genérico (Auezova, 2011).

Com o rearranjo geográfico e administrativo, o *KirVoenKom* passou por uma série de alterações — ainda em 1920 — e se tornou então a Comissão Acadêmica dentro do Departamento de Educação Popular do Comitê Revolucionário Quirguiz [Cazaque], transformação caracterizada pela expansão a nível de equipe — vinte profissionais no total —, e nenhum integrante sendo cazaque e/ou de outra etnia que não fosse russo-eslava (Auezova, 2011). Com esse panorama, é possível discernir a factualidade da terceirização da historiografia cazaque no geral, visto que, na prática, a identidade do povo era passada entre o meio acadêmico por indivíduos que não possuíam vivência e/ou conhecimento necessário. Ainda que o fato dos historiadores e antropólogos do *KVK* não fossem cazaques, outro fator de peso na fundamentação do embate etno-histórico foi a capacidade da literatura de época — russo-imperial ou soviética — de determinar o teor dos textos em questão. A forte influência da política local e federal nos processos de escrita foi capaz de inferir um retardo da determinação nacional das comunidades autóctones (Auezova, 2011; Ohayon, 2016).

Não obstante, Auezova (2011) ressalta a problemática da existência do *Alash Orda* como um fator de desvio na presença da *intelligentsia* cazaque na literatura acadêmica soviética, visto que, após a Revolução de Outubro (1917), o movimento se distanciou

efetivamente da causa bolchevique em busca de uma aspiração nacional caracterizada pelo *Sovnarkom* como contra-revolucionária. Neste panorama de discordâncias, autores cazaques se tornaram uma ferramenta crucial na quebra dos paradigmas e estereótipos retratados nos materiais educacionais da época que, através de sua inserção neste meio, realizando as tentativas de mudança através da construção de um arcabouço histórico mais fiel às tradições cazaques.

O início dos atritos acadêmicos russo-cazaques se iniciaram com a publicação da coletânea chamada “Ensaio sobre a História do Povo Cazaque-Quirguiz no Contexto dos Eventos Históricos de Outras Tribos Turquicas/Turcomanas”, escrita por Alexandr Chuloshnikov em 1924 em *Orenburg/Oremburgo* — cidade russa localizada na Ásia Central — e publicado pelo *KVK*. Nesta mesma obra, Chuloshnikov apresenta a história do “nascimento” dos povos turcomanos da Ásia Central (Auezova, 2011).

Por outro lado, Mukhamedzhan Tynyshbaiuly — professor e historiador do Instituto Pedagógico Educacional Cazaque em *Toshkent* — criticou o trabalho de Chuloshnikov em 1925, alegando a existência de falhas no processo de tratamento histórico do povo cazaque, considerando-o raso e desprovido de detalhes sobre a evolução do ramo quipechaque-cazaque como um todo. Nesta crítica, Tynyshbaiuly cita a negatividade da representação tribal das comunidades cazaques, como também a baixa alusão ao processo de divisão das antigas comunidades nômades que deram origem aos ramos cazaque e uzbeque (Auezova, 2011). Não obstante, a perspectiva das delimitações nacionais por volta de 1924 fizeram com que a academia cazaque-soviética se interessasse pelo aparato histórico-nacional e, ao longo dos anos seguintes, passou a ressaltar a necessidade de estudos que considerassem a historiografia do povo cazaque a partir de uma ótica que vá além da perspectiva socialista e materialista de Chuloshnikov, visto que, segundo Tynyshbaiuly, a evolução e interpretação da nação cazaque não dependia exclusivamente de fatores econômicos e de desenvolvimento (Auezova, 2011).

Até então, o modelo acadêmico russo-soviético, que seguia as diretrizes de escrita advindas do extinto Império Russo passa a ser considerado uma vertente “burguesa” pelos acadêmicos cazaques — principalmente os bolcheviques —, isto é, bastante infiel e elitista de acordo com o campo histórico-nacional das comunidades étnicas soviéticas, pois tais críticas se baseavam no fato de que tais materiais não eram escritos por membros das comunidades autóctones.. Não obstante, a perpetuação do generalismo de Chuloshnikov na escrita da época continuou presente por alguns anos, acompanhado da estereotipização dos povos da Ásia Central, grande parte deles se encontrando na “definição” do homem quirguiz [cazaque] nos livros de história — levando em conta o panorama de observador de Chuloshnikov, que os definia como um “aglomerado de tribos nômades turcomanas” —, fator este gradualmente

regredido pela chegada da *Korenizatsiia* e de obras escritas pelas comunidades autóctones (Auezova, 2011; Olivier, 1995).

Neste processo, Tynyshbaiuly ressaltou uma série de problemáticas na interpretação das leis locais — *customary laws*, de acordo com Auezova (2011) — no trabalho de Chuloshnikov, identificando erros na análise das relações tribais, de hierarquias, das dinâmicas de lideranças nas comunidades nômades, e até mesmo a generalização dos uzbeques e cazaques no mesmo tronco étnico. Com isto, a necessidade de materiais mais fieis ao processo historiográfico cazaque se encontrava em situação crítica até a publicação do intitulado “Materiais da História do Povo Quirguiz-Cazaque” em 1926, no Departamento da Sociedade Geográfica Russa do Turquestão, sendo todo o seu conteúdo baseado em aulas de Tynyshbaiuly entre os anos de 1924 e 1925. O trabalho teve seu foco em desmentir as escritas “criminosas” de Chuloshnikov, que, segundo Isa Tokhtybaiuly — geógrafo soviético e integrante do departamento acima citado — perpetuavam a generalização dos povos do Turquestão e outras minorias da URSS (Auezova, 2011).

Levando em consideração as instabilidades do campo político e social, a existência de certas dificuldades na implementação de materiais produzidos por autores autóctones na URSS se fizeram presentes no âmbito acadêmico autóctone. Com a chegada do bolchevismo e mudança bastante rápida do discurso nacional — a nível fronteiriço, e não étnico — o qual passava a comportar, exclusivamente, o conceito de luta de classes, diversas limitações no processo de produções intelectuais vieram à tona (Auezova, 2011). Das barreiras presentes na corrida pela produção acadêmica, duas se tornaram importantes na problematização da autenticidade: a historiografia e o conceito do “mínimo científico geral”¹⁹ proposto pelo governo soviético como parâmetro para a produção de materiais educacionais (Auezova, 2011).

Em seus trabalhos, Tynyshbaiuly buscou a inserção de informações culturais importantes sobre os povos cazaques. Ressaltando o desfalque de Chuloshnikov sobre a oralidade cazaque, Tynyshbaiuly buscou trazer ritos e passagens comuns na cultura local para suas obras visando o enaltecimento do ser cazaque em seus momentos de glória. Por exemplo, um dos fatores cruciais para a unificação tribal — segundo Tynyshbaiuly — foi o conflito cazaque-calmuco, ocorrido no século XV, momento este no qual Ablai Khan, foi responsável por unir os *zhuzes* cazaques em prol da defesa do Canato (Auezova, 2011). Nesta perspectiva, Tynyshbaiuly promoveu a inserção de diversas informações até então desconhecidas para a

¹⁹ A política do mínimo científico compreende o controle parcial do âmbito acadêmico soviético, que abria lacunas para erros históricos e imprecisões problemáticas no processo de representação etnográfica (Auezova, 2011).

maioria dos acadêmicos. Estudos e análises precisas sobre as tribos cazaques — Grande Horda, composta pelas tribos *Zhalair*, *Uisyn* e *Qangly*; Horda média, formada pelos grupos *Arghyn*, *Kerei*, *Uaq*, *Naiman*, *Qongrat* and *Qypshaq*; e a Pequena Horda (Horda Junior), contemplada pela comunidade *Alchyn* e suas denominações — foram periodicamente realizados por Tynyshbaiuly visando a propagação de informações mais fiéis, buscando então a representação étnico-histórica das comunidades cazaques de maneira respeitosa no ambiente acadêmico (Auezova, 2011).

No tocante à identidade cazaque, Tynyshbaiuly se esforçou para buscar referências externas em fontes dos mais variados locais do mundo, como obras escritas no Império Bizantino (Romano do Oriente), Oriente Médio, e de comunidades do Leste Europeu com a intenção de — exclusivamente — realizar o levantamento do etnônimo “*qazaq*” através do tempo. Tal esforço, ao longo dos anos, promoveu a formação de uma comunidade acadêmica mais proposta a conhecer sua própria história e suas raízes. Dos seus trabalhos, seu esforço mais notável foi a análise genealógica-histórica das tribos da Ásia Central à serviço do governo soviético, buscando auxiliar no processo das demarcações territoriais, remodelando as fronteiras e delimitando as fronteiras culturais entre os povos analisados, principalmente os cazaques durante a *Korenizatsiia* (Auezova, 2011; Haugen, 2003).

Com a evolução da perspectiva acadêmica cazaque sobre a própria história, como também o decorrer da aplicação das políticas de indigenização, ocorre em 1934 a publicação do decreto denominado “O Ensino da História Civil na URSS”, realizado pelo *Sovnarkom* com o intuito de promover um melhor aprofundamento nos estudos que abordavam a história dos povos soviéticos e pré-soviéticos (Auezova, 2011). Tal momento, para o panorama do desenvolvimento dos movimentos nacionais — de maneira geral — na URSS pode ser considerado uma virada de chave na problemática da valorização cultural até então estagnada e relativizada pela perspectiva “burguesa” da historiografia soviética. Se levarmos em consideração a laborização das comunidades étnicas e a inserção da luta de classes no cotidiano da RSFSR e suas divisões administrativas, é possível perceber a não-prioridade do Estado em relação às dinâmicas nacionais, pois as mesmas só surgiriam com o decorrer da *Korenizatsiia*.

Além de Tynyshbaiuly, outro personagem importante na virada intelectual e acadêmica cazaque foi o historiador Sandzhar Asfendiiarov, responsável por trazer à tona os impactos da colonização russa nas estepes da Ásia Central, desde a queda do Canato Cazaque até os tempos soviéticos, como também a influência eslava nas dinâmicas populacionais das comunidades mais orientais (do Extremo Oriente), consolidando então diversas críticas ao processo de russificação, desestabilização e gradual controle das confederações tribais então

existentes nos domínios da coroa (Auezova, 2011).

Com a concepção de novas óticas sobre a história cazaque, Asfendiiarov ressaltou que o caminho para a extinção dos costumes feudais e feudo-patriarcais — herdados do Império Russo — ainda existentes na experiência socialista da URSS deveria se originar, segundo o historiador, através do melhor aprofundamento das comunidades étnicas no âmbito histórico-político através do compartilhamento de suas raízes por vias da valorização histórica, isto é, inserindo-os como objetos de análise nos campos educacionais da própria URSS. Levando em consideração a prioridade abordada do Estado soviético sobre as dinâmicas econômicas das comunidades como o epicentro do estudo étnico que, com a guinada acadêmica foi parcialmente sendo deixada de lado para dar espaço à historiografia dos povos através da abordagem de fatores mais sociais e menos laborais, é de se considerar sua utilidade no processo de delimitação na União Soviética.

No caso da ruptura *kara-qyrgyz* [quirguiz-cazaque], o fenômeno do aprofundamento histórico e o *boom* das análises sobre as diversas comunidades autóctones se fizeram um contrapeso importante diante da negligência sócio-histórica evidente na época. No campo educacional cazaque, o fato do analfabetismo e a vagarosa sedentarização das comunidades nômades se fizeram, também, um problema no processo de aceitação das novas perspectivas acerca da historiografia nacional. Muito embora suas pesquisas tenham sido de enorme utilidade no processo de delimitação nacional na URSS, Asfendiyarov e Tynyshbaiuly passaram por perseguições e boicotes por partes da burocracia. Levando em consideração o ambiente hostil e nada amigável, o fato de pertencerem à elite intelectual — que era uma parcela ínfima da sociedade cazaque — ambos os personagens estavam “sozinhos” na corrida acadêmica. Não obstante, os expurgos promovidos por Stalin entre 1936 e 1938 puseram um fim na vida dos dois escritores (Auezova, 2011; Pipes, 1997; Haugen, 2003).

Ademais, no tocante à perspectiva contrária às visões de Chuloshnikov — entendidas pela nova ótica trazida por Tynyshbaiuly e Asfendiiarov —, a academia soviética passou a percebê-las, por certos membros, como um “antagonismo inter-étnico”, categorizado-a como pan-tartarismo ou pan-uzbequismo, consolidando então uma falsa interpretação das ideias dos autores cazaques (Auezova, 2011). Enquanto tais perspectivas se faziam úteis no campo teórico, a problemática da aplicação da *Korenizatsiia* marcava presença no panorama da delimitação através da rejeição advinda das elites intelectuais de outras comunidades. Como citado anteriormente, a briga por espaço político e cultural gerado pela remodelagem nas fronteiras foi retroalimentada através da manutenção de toda a historiografia dos mais diversos povos da Ásia Central.

Visto que a presente pesquisa se debruça exclusivamente no caso da ruptura

quirguiz-cazaque, priorizando ainda mais a perspectiva nacional do segundo grupo, é ainda inegável a existência de diversas outras personagens importantes que, seguindo a mesma lógica de busca pela manutenção das identidades nacionais no campo histórico, se propuseram a buscar tal objetivo nas outras comunidades centroasiáticas. Enquanto Asfenndiiarov e Tynyshbaiuly se esforçaram para quebrar a estereotipização dos povos cazaques no âmbito acadêmico soviético, o desenrolar da *Korenizatsiia* se moldava através de embates em prol da autodeterminação das mais diversas comunidades.

4. O NACIONALISMO CAZAQUE

O nacionalismo cazaque, segundo Fisher (1989), é dotado de diversos estágios. O primeiro, intitulado pela autora como “nacionalismo nômade” compreende a percepção dos contrastes entre as comunidades autóctones da Ásia Central que, dotadas de costumes semelhantes, eram relativamente diferenciados através de línguas, fenótipos, vestimentas, etc.; o estágio do “nacionalismo cazaque” compreende o processo da sedentarização das comunidades das estepes [cazaques] a partir de 1900, quando a elite intelectual e seus esforços se fizeram presentes na remodelagem dos costumes nacionais do povo como um todo; por fim, o “nacionalismo revolucionário” compreende a gradual inserção das elites políticas locais [cazaques] nos processos de politização das massas e das problemáticas locais, como a indigenização e a busca pela manutenção das identidades. Não obstante, esta última foi capaz de influenciar no processo de delimitação nacional e rearranjo geográfico ao longo dos anos (Fisher, 1989; Haugen, 2003).

Com a categorização exercida por Fisher (1989) sobre as diversas fases do desenvolvimento do nacionalismo cazaque, como também sua evolução, é possível utilizar seu trabalho para entender melhor como o ser cazaque se construiu ao longo dos anos. Para isto, fazendo o uso das divisões temporais trazidas pela autora, em conjunto com as informações das seções anteriores, pode-se inferir uma reflexão sobre a ruptura quirguiz-cazaque.

Durante a fase do “nacionalismo nômade”, a presença do modelo de divisão tribal era de suma importância para a diferenciação das comunidades na Ásia Central. Muito embora a maioria delas estivesse sobre as amarras da coroa russa, a coexistência dos povos autóctones era regido, em grande parte, por seus próprios esforços em função da coesão étnica. No caso das comunidades cazaques, os anteriormente citados *zhuzes* compunham os quatro grupos políticos locais que, através do modelo político herdado do extinto Canato Cazaque, se faziam presentes no controle das estepes (Fisher, 1989; Sabol, 1995). Tal controle, ao longo dos anos, consistia em um sistema hierárquico que compreendia as quatro hordas cazaques, sendo elas regidas pelas divisões presentes na Grande Horda — *Zhalair*, *Uisyn* e *Qangly* —, incumbidas de manter a harmonia na região (Auezova, 2011).

O ápice do nacionalismo nômade, no caso cazaque, foi a unificação de suas tribos em prol da defesa da região contra agressores externos, como os calmucos — *qalmyq/kalmyq* — e os zungares — *dzungar* —, ambas tribos turco-mongóis que, ao longo dos anos, tentaram obter controle das estepes através de investidas. Nesta perspectiva, o surgimento de Ablai

Khan como um unificador dos *zhuzes* pode ser compreendida como um fenômeno de coesão nacional, visto que, nos dois casos citados, uma entidade política foi formada através dos esforços de um indivíduo inerente ao cotidiano local (Auezova, 2011).

Nesta perspectiva, a capacidade de influência e controle de um indivíduo na coesão das comunidades tribais é útil para o entendimento do panorama cazaque. Durante o início da colonização russa na Ásia Central, por exemplo, o papel do *khan* enquanto um catalisador de fenômenos se faz presente em momentos muito pertinentes à identidade dos povos nômades. Neste ínterim, a participação de Abul Khair Khan — líder da Pequena Horda — no processo de anexação russa também se faz um acontecimento interessante. Durante os anos do avanço russo em direção às estepes, os *zhuzes* cazaques se encontravam em situação de instabilidade, a qual foi utilizada por Abul Khair em prol de sua auto-promoção. As investidas russas, acontecidas durante os anos de 1730 e 1740, tinham o propósito de abrir melhores rotas em direção às Índias e, conseqüentemente, alavancar o mercado russo-imperial (Haugen, 2003).

Nesta cadeia de acontecimentos, Abul Khair Khan se aproximou da então imperatriz Anna Ivanovna — por volta de 1730 — em busca de um acordo mutualista que, de acordo com líder, seria de extrema utilidade para as tribos, pois garantiria proteção russa para repelir os agressores de outras comunidades turco-mongois como os *dzungares* e os *bashkirs*. No entanto, levando em consideração a origem de Abul Khair — advindo da Pequena Horda/*Kishi Zhuz* —, foi evidente a insatisfação de outras tribos no tocante às atitudes deste líder em específico. Na época, Abul Khair foi tido como um “traidor”, entreguista e muito passivo em referência aos avanços russos, fato este que, com as investidas seguintes, as estepes cazaques foram gradualmente tomadas (Haugen, 2003).

Não obstante, os avanços russos sofreram boicotes e foram embebedos pela insatisfação dos *aqsalqadar* (barbas-brancas/sábios) dos *zhuzes* cazaques, fomentando uma divisão e segregação entre as então comunidades tribais. Considerando os esforços de Abul Khair Khan de obter um “título” advindo do governo russo-imperial, o afunilamento de opiniões contrárias fez com que, ao longo dos anos, diversas tribos entrassem em desavença para com a dinâmica territorial exercida pelos eslavos. Nesta dinâmica, anos depois, Kenesary Qasimuly — neto de Ablai Khan — se fez um proeminente líder nas diversas tentativas de contrariar a coroa russa (Haugen, 2003). Diante da porosidade das fronteiras, que se declarava através da dinâmica das investidas, isto é, variavam de acordo com as faixas de terra conquistadas ou perdidas durante os canatos, a percepção territorial mudava conforme a necessidade das comunidades.

Enquanto os ataques incessantes ocorriam de ambos os lados, e a insatisfação cazaque geral acerca dos conflitos se inflava, o surgimento de Kenesary Qasimuly enquanto um líder

militar tomava forma. Unindo as tribos através das problemáticas que assolavam o território do canato, como a presença das hostilidades quivana e bucareense por volta de 1844 contra a Grande Horda ou os avanços russos sobre a Horda Média, Kenesary buscou influência através da diplomacia com as diversas tribos em nome da rebelião cazaque. Segundo Haugen (2003), diversos acadêmicos cazaques consideram este evento — em conjunto com a união cazaque contra os calmucos promovida por Ablai — passível de ser rotulado como um movimento de libertação nacional, tornando-o então um objeto crucial para a percepção das dinâmicas entre a terra e o(s) povo(s).

Ainda na época dos assentamentos russo-eslavos nas estepes, as sensações de pertencimento e posse dos povos cazaques em referência à “terra” propriamente dita começava a se aflorar através das tradições orais e a eventual necessidade de consolidar as fronteiras dos campos imaginários para o campo físico. Como citado anteriormente, a percepção do *atazhurt* (terra-pai/mãe) e sua relação com o *topyraq* (solo/terra fértil) se diversificou ao longo dos anos de anexação. Muito embora a criação da fronteira física tivesse sido efetivada através dos avanços russos — pois estes consolidaram os assentamentos militares ao longo do Rio Irtysh ao Norte do atual Cazaquistão, por mais de 40 mil quilômetros, com um avanço de 11 quilômetros além dos “limites” eslavos —, a ideia da “terra” enquanto delimitador nacional só tomaria forma com a sedentarização a partir dos anos 1900 (Haugen, 2003; Auezova, 2011).

No mais, sobre Ablai, Abul Khair e Kenesary Khan, suas participações em pontos importantes da história cazaque podem ser utilizadas para compreender o paradigma da terra enquanto uma ferramenta para promoção nacional. Enquanto Ablai e seu neto foram tidos como os “messias” da união das tribos cazaques — tal qual Genghis Khan e a unificação mongol — em dois intervalos de tempo diferentes, Abul Khair e sua busca por influência acarretou na gradual colonização das estepes pela coroa russa, pois a abrupta aproximação do mesmo com a entidade eslava se fez um catalisador deste último fenômeno. Nesta perspectiva, a influência de indivíduos em momentos cruciais da história cazaque se repetiu inúmeras vezes e em vários campos da sociedade citada como um todo, os quais muitos já foram então citados — a formação da *intelligentsia* cazaque; a *Alash Orda*; o embate acadêmico, etc. —, e, muitos deles capazes de trazer à tona o sentimento nacional e de pertencimento/posse na dinâmica entre povo e terra.

Na transição do nacionalismo nômade para o nacionalismo cazaque — seguindo a ótica de Fisher (1989) — a partir dos anos 1900, as políticas de sedentarização soviéticas foram responsáveis por realizar a transição do caráter nômade rotativo de convivência das tribos cazaques para uma gradual fixação das mesmas, como também, remodelando as

políticas e leis costumeiras locais. Este lapso temporal foi caracterizado pelo gradual apagamento das convivências tribais em prol da formação de um Estado composto por comunidades iletradas — em sua maioria oralizada — regidas por elites políticas e intelectuais advindas da formação da *intelligentsia* cazaque (1860 em diante), responsáveis por garantir o bom funcionamento das divisões administrativas russas e posteriormente soviéticas na região (Haugen, 2003; Sabol, 1995; 2005). A (re)caracterização das comunidades autóctones cazaques nos anos de sovietação foi responsável pela laborização das comunidades e, também, pela formação de escolas e ambientes acadêmicos propícios para o surgimento de sentimentos nacionais.

A capacidade deste ambiente, gradualmente inserido durante as políticas de indigenização, se rotula através do destaque dos sentimentos nacionais trazidos pelos indivíduos influentes da época. Personagens como Alikhan Bokeikhanov, Akhmed Baitursinuly — este segundo tido como o co-criador do jornal *Qazaq* em conjunto com Mirzhakyp Dulatuly (Dulatov) em 1913 — foram indispensáveis quando o tema é o fomento de aspirações nacionais. Nesta lógica, a ambientação política soviética posterior após o início da *Korenizatsiia* se fez instável e, consequentemente, consolidando o ideal nacional cazaque ao longo dos anos (Auezova, 2011; Fisher, 1989).

As características principais do nacionalismo cazaque em contraste aos outros nacionalismos presentes na região da Ásia Central se estratifica através do processo de ruptura étnica e secularização da sociedade da época. A ruptura *kara-qyrgyz*, como o nome desta presente pesquisa sugere, compõe o fenômeno do surgimento de uma República Socialista Soviética Cazaque — exclusivamente Cazaque, por assim dizer — capaz de distinguir, aos olhos do politburo soviético, os povos ali presentes. Enquanto os cara-quirguizes [quirguizes] e quirguizes [cazaques] eram tidos como um só povo, sendo o primeiro uma subcategoria do segundo, a insatisfação popular sobre o censo russo acerca da região da Ásia Central pode ser considerado um ponto-chave na consolidação do nacionalismo cazaque — e também quirguiz —, visto a revalorização trazida à tona pelas elites intelectuais da época.

No campo midiático, entidades como *Qazaq*, *Ay Qap* e entre outros jornais da época foram tidos como ferramentas neste processo de consolidação da identidade e surgimento do contraste cazaque-quirguiz, através da promoção de valores tradicionais que, em comparação à outros povos da Ásia Central, não seguiam as mesmas diretrizes tribais, culturais e muito menos linguísticas. Do ponto de vista social, os jornais operaram como veículos em uma corrida intelectual que buscava a auto-promoção nacional, cultural e étnica no campo soviético. A *korenizatsiia*, por sua vez, foi capaz de dar chance às elites políticas de, ao longo dos anos de sua aplicação, promover as mídias a partir de 1920 e consequentemente dar voz

aos povos da URSS (Haugen, 2003).

Levando em consideração que o “nacionalismo cazaque” e o “nacionalismo revolucionário” enquanto fases propostas por Fisher (1998) andassem de mãos dadas no processo de indigenização, a relação entre estes dois episódios foi capaz de, no ano de 1936, originar enfim a RSS do Cazaquistão, composta majoritariamente por cazaques étnicos — que não eram mais considerados quirguizes de acordo com o censo muscovita —, coesa à nível étnico e nacional. No entanto, antes de 1936, a coexistência da República Socialista Soviética Autônoma do Turquestão lado a lado com a Autonomia de Alash — até o ano de 1920 — foi caracterizada pela presença das influências políticas nacionais cazaques, sendo permeada pela participação dos diversos personagens importantes para a coesão nacional, como as lideranças da *Alash Orda* e os responsáveis pela mídia cazaque como um todo. Neste processo de destacamento dos caracteres cazaques, o surgimento da palavra *Alash* no vocabulário nacional se fazia, também, um arquétipo da projeção nacional. Seu significado, muito importante para os cazaques da época, compreendia a união — propriamente dita — dos quatro *zhuzes* existentes, podendo ser interpretada enquanto uma confederação nacional como um todo (Auezova, 2011; Haugen, 2003).

Segundo Grigol Ubiria (2016), o caráter da inexistência da nações cazaque e uzbeque no panorama da delimitação soviética foi, através de suas próprias dificuldades, um fenômeno interessante no campo da etnologia local. Para o autor, que estudou a origem dos dois povos, o contraste evidente das comunidades de *Khiva/Quiva* e *Bukhara/Bucara* e as tribos cazaques em suas formações políticas tradicionais e linguísticas se faziam muito mais evidentes que qualquer outro panorama (Ubiria, 2016). Nesta percepção, vale retornar à problemática da academia soviética sobre a identificação dos povos. Enquanto os quirguizes e cazaques possuíam raízes muito mais próximas a nível linguístico e cultural, os uzbeques — advindos do tronco étnico *Carluco/Karluk* — já possuíam diferenças muito evidentes desde a colonização da região pela coroa russa (Auezova, 2011).

O caso uzbeque ilustra muito bem como, no panorama quirguiz-cazaque, existia uma dificuldade no processo de origem do(s) nacionalismo(s) como um todo, dada a maior proximidade e semelhança entre os dois povos. O cotidiano nômade, acompanhado da substituição gradual dos modelos políticos tradicionais e até mesmo a generalização étnica foram fenômenos que acompanharam os processos de formação nacionais de ambos os etnônimos — cazaques e quirguizes — que, até nos momentos de aplicação das políticas de indigenização, entravam em atrito pela promoção nacional, lutando entre si pela capacidade de se autodeterminar. No mais, o caso uzbeque é útil para exemplificar a complexidade do caso quirguiz-cazaque, já que os dois últimos se encontravam em *status* de sedentarização

tardia, fenômeno este o qual os uzbeques já estavam parcialmente submetidos.

Muito embora Baikapov e Kumenov (2003 *apud* Gontijo, 2018) interpretem o desenvolvimento do Canato Cazaque ao longo do século XVI como um delimitador para a definição do ser cazaque — visto que o mesmo se origina a partir de uma insurgência em contraponto ao Canato Uzbeque, tal qual uma ramificação —, a ideia da unificação tribal perde forças com o decorrer dos anos. O enfraquecimento das comunidades tribais ao longo do território cazaque e o processo de concessão gradual de terras e recursos para colonizadores externos podem ser considerados, também, fatores cruciais na subjugação das entidades políticas locais. Enquanto as comunidades cazaques mantinham suas tradições ao longo dos anos de maneira reclusa e em um teor bastante tradicionalista, em sua maior parte oralizada, o pastoralismo nômade caracterizava um considerável empecilho no processo de manutenção das identidades, visto que existia um impasse no processo de mudança cotidiana (Haugen, 2003).

No referente às “comunidades cazaques”, a existência dos *zhuzes* em contato com a cultura nômade atuava como um contraste no aparato social desde o canato até a sua dissolução a partir da colonização russa, pois distanciavam os indivíduos da sociedade cazaque da época através de uma rotulagem local — referente à cada tribo, muitas delas com diversos atritos —. Durante os anos de desenvolvimento da elite intelectual cazaque, a “preguiça” atribuída aos cazaques pela sua própria elite era referente à falta de interesse dos mesmos em fundar uma comunidade ainda mais forte (Auezova, 2011; Haugen, 2003; Sabol, 1995). Tal situação, como evidenciado nas seções anteriores, só seria parcialmente resolvida através da promoção dos valores nacionais através de movimentos estratégicos da elite da época.

Se levarmos em conta a percepção de Benedict Anderson (1995) do *nationess* e sua formação, como também a presença da coesão nacional e o sentimento do “ser” enquanto pertinente à nação, como tal reflexão se aplica no caso cazaque? Para responder esta pergunta, pode-se considerar, diretamente, a validação do sentimento nacional a partir da influência dos fenômenos burocráticos. Quando Alikhan Bukeikhanov e seus companheiros deram chance à Autonomia de Alash em 1917, junto ao hino intitulado “*Oyan, qazaq!*” — “Levantem-se, cazaques!” —, originado a partir da coletânea de poemas de Mirzhakyp Dulatov, passa a existir um senso de união que englobava tanto os cazaques inseridos na *Alash Orda*, quanto na República Federativa do Turquestão (Fisher, 1989; Karassayev, 2024).

A construção da nação cazaque abrange diversas fases, como também compreende processos não lineares. Se levarmos em consideração a pré-existência dos cazaques enquanto um povo, é inegável que eles já estivessem nas estepes há muito tempo. No entanto, para

responder aos questionamentos acerca da origem do “cazaque” enquanto homem pré-soviético e soviético, são perceptíveis os contrastes entre as perspectivas políticas e intelectuais locais ao longo dos anos. A sedentarização e indigenização marcam um intervalo de tempo curioso na história cazaque pois, através destes fenômenos, as perspectivas locais são totalmente alteradas. A sedentarização — muitas vezes forçada — e a chegada de um governo secular que ia de encontro com teor islâmico das comunidades nômades é também um marcador conceitual sobre a chegada do “novo cazaque” (Auezova, 2011).

O “novo cazaque” pode ser entendido como um afinilamento das comunidades viventes na região, abraçadas por uma elite intelectual que foi capaz de promover a identidade nacional através da percepção — e letramento — das entidades políticas acerca da promoção nacional. Quando poetas e escritores cazaques se inseriram no ambiente político soviético, admiradores — meros cidadãos — se viam representados como um todo, através do espelhamento político. Em um ambiente burocrático etnicamente variado, no qual diversas comunidades propagavam suas ideias, o ato de lutar pela autodeterminação através do árduo caminho estratificado do embate político durante a indigenização foi, em suma, um processo de modelagem da identidade cazaque.

No mais, as transições administrativas na Ásia Central Soviética caracterizam a inserção e consolidação do *atazhurt* (terra-mãe) em ligação com os ideais de sedentarização. A troca da rotatividade nômade por uma cultura — ou uma vida, em outras palavras — totalmente diferente, longe das estepes e dentro dos grandes centros urbanos que caminhavam em direção à industrialização tardia forçaram os antigos membros das tribos cazaques a fazerem parte de algo maior — em grande parte, contra a sua vontade. Nesta ótica, é possível inferir que o fenômeno das aspirações nacionais e do etnonacionalismo na Ásia Central se construiu a partir de um erro — a colonização — e infusão das comunidades autóctones em preocupações as quais não existiam em seus cotidianos, como as ideias de identidade, posse e contraste. Ademais, o processo de rotulagem das comunidades étnicas soviéticas pode ser considerado o alicerce no processo da construção — em partes artificial — de uma nova visão sobre sua própria existência em um Estado tão etnicamente contrastado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do nacionalismo cazaque durante a formação da URSS é um processo que se fundamenta através de vários episódios da história dos povos. Desde a época dos canatos até a formação da confederação tribal dos *zhuzes* cazaques, as poucas alterações políticas tornaram as guinadas administrativas um tanto quanto estagnadas. No entanto, com a presença de uma terceira entidade política — pois a relação dos *zhuzes*, que compreendiam uma dinâmica cazaque-cazaque de diálogo diplomático —, da coroa russa e, posteriormente, da chegada da sovietação, a modelagem de uma identidade nacional cazaque começava a tomar forma.

A “magia” da transformação identitária nas estepes é permeada por influências externas que, ao longo dos anos, acordaram uma elite intelectual para que enxergassem um problema desconhecido: o “eu” no âmbito doméstico. Nesta ótica, o contraste entre a harmonia tribal e a gradual sedentarização marcou uma reescrita nos costumes locais, consolidando então uma necessidade de validação étnica em um campo político cheio de competições por espaço e voz na burocracia soviética. De fato, esta percepção das “guerras intelectuais” nos campos educacionais e políticos em prol de uma emancipação nacional — ainda que inserida em uma comunidade maior — podem (e devem) ser considerados importantes para a construção do *qazaq eli* ao longo dos anos de construção da URSS.

A cazaquização das estepes durante as políticas de indigenização foram importantes durante a construção do imaginário cazaque, pois exerceu uma crucial função de formular um corpo étnico-político gerido exclusivamente pelos intelectuais que tanto buscavam a ascensão de seu povo através de uma perspectiva distinta da soviética, através da *Alash Orda*. Muito embora a experiência tenha durado pouco, até hoje é lembrada pelos cazaques como um lapso de autonomia e soberania da identidade cazaque no meio do ambiente conflituoso pela autodeterminação burocrática durante os anos 1900 e 1936.

Nesta perspectiva, a formação da República Socialista Soviética Cazaque em 1936 compreende a conclusão de diversos fenômenos que englobavam os quirguizes [cazaques] que tanto atritavam com o censo russo-eslavo. Para um povo no meio de tantos outros, a conquista de um nome — que já existia, mas era negligenciado — delimita uma fronteira capaz de divergir o campo ideal e político. Enquanto os cazaques eram considerados iguais aos quirguizes, um lapso na história e cultura de ambos os povos era cultivado vagarosamente, instigando então a necessidade de uma mudança.

A busca por contraste traz à tona a questão dos métodos da construção da identidade trazidos por Ubiria (2016). O *nation-making; reshaping e maintaining* foram avidamente

“utilizados” durante as fases do nacionalismo cazaque. Desde os episódios de união tribal contra comunidades hostis, na formação da elite intelectual ou no conflito acadêmico, as óticas de construção do *nationess* fomentaram os vários episódios da construção do nacional cazaque. Neste processo, o *nation-maintaining* e *reshaping* foram de maior utilidade pois, durante a sedentarização, a identidade cazaque foi remodelada e posteriormente validada através dos esforços da *intelligentsia*, a qual seus membros foram responsáveis por trazer a cultura local para a política como um todo, através de esforços midiáticos e, acima de tudo, educativos.

Por fim, a compreensão acerca das origens do nacionalismo cazaque tem como premissa o desenvolvimento de outros estudos para além do que foi trazido aqui. A presença das reflexões a respeito das perspectivas acadêmicas soviéticas sobre a historiografia cazaque até então elaboradas se definem em uma tentativa de compreender a inserção de indivíduos submetidos ao campo educativo-burocrático cazaque em prol da construção e reparo do imaginário que foi deturpado pelo terceiro ator — os russos-eslavos — e podem ser capazes de responder algumas perguntas, dentre elas: “como os russos (soviéticos) retratavam os cazaques?”; “quais as problemáticas de ser definido por terceiros?” ou “quais os impactos de um embate étnico-acadêmico?”. Nesta perspectiva, a caracterização do cazaque através do campo histórico-político soviético se formulou a partir de uma busca pela construção de raízes que anteriormente não existiam, sendo a principal delas a preocupação e a definição do “eu” no meio de tantos “iguais” segundo a elite política russo-soviética. Sendo este último paradigma enfim quebrado no momento em que o povo Cazaque deixou de ser chamado de Quirguiz.

REFERÊNCIAS

- ARTMAN, V.; DIENER, A. C. Boundaries, borders and identities. **Routledge eBooks**, p. 135–153, 27 jul. 2021.
- AUEZOVA, Z.-A. Conceiving a people's history: The 1920-1936 discourse on Kazakh past. In: KAMPER, M.; CONERMANN, S. (Eds.). **THE HERITAGE OF SOVIET ORIENTAL STUDIES**. Nova Iorque: Routledge, 2011. p. 241–260.
- BAIPAKOV, Karl & KUMEKOV, B. E. 2003. "The Kazakhs". In: Chahryar Adle; Irfan Habib & Karl M. Baipakov (orgs.), *History of Civilizations of Central Asia. Volume V: Development in Contrast – from the sixteenth to the mid-nineteenth century*. Paris: Unesco Publishing. pp. 89-108.
- COLE, J. R. I.; KANDIYOTI, D. NATIONALISM AND THE COLONIAL LEGACY IN THE MIDDLE EAST AND CENTRAL ASIA: INTRODUCTION. **International Journal of Middle East Studies**, v. 34, n. 2, p. 189–203, 1 maio 2002.
- CHRISTIAN, D. **A history of Russia, Central Asia and Mongolia Volume II Inner Eurasia from the Mongol Empire to today, 1260-2000**. [s.l.] Hoboken Wiley Blackwell, 2018.
- DEN ROSS, E. **The heart of Asia : a history of Russian Turkestan and the Central Asian Khanates from the earliest times**. London ; New York: Routledgecurzon, 2004.
- ESENOVA, S. Soviet Nationality, Identity, and Ethnicity in Central Asia: Historic Narratives and Kazakh Ethnic Identity. **Journal of Muslim Minority Affairs**, v. 22, n. 1, p. 11–38, abr. 2002.
- FIERMAN, W.; RAKOWSKA-HARMSTONE, T. **Soviet Central Asia**. [s.l.] Routledge, 1991.
- FISHER, L. R. **Qazaqjylyq| Nationalism and revolution in Kazakhstan, 1900-1920**. Montana: UOM. 1989.
- HAUGEN, A. **The Establishment of National Republics in Soviet Central Asia**. [s.l.] Springer, 2003.
- KARASAYEV, ET AL. THE ALASH PARTY ON THE KAZAKH STATEHOOD. **Astra Salvensis - revista de istorie si cultura** , v. VI, n. 11, p. 129–136, 2018.
- KARASSAYEV, G.; SEITMAN, S.; NAIMANBAYEV, B.; SYZDYKOV, S.; MUKHAMEDJANOVA, R. FROM THE HISTORY OF THE ALASH MOVEMENT'S SOCIO-POLITICAL ACTIVITIES DURING THE CIVIL WAR. **Revista Notas Históricas y Geográficas**, n. 32, p. 112–128, 2024.
- KESICI, Ö. The Alash movement and the question of Kazakh ethnicity. **Nationalities Papers**, v. 45, n. 6, p. 1135–1149, nov. 2017.
- OHAYON, I. The Soviet State and Lineage Societies: Doctrine, Local Interactions, and Political Hybridization in Kazakhstan and Kirghizia During the 1920s and 1930s. **Central Asian Affairs**, v. 3, n. 2, p. 163–191, 19 abr. 2016.
- OLIVIER, B. V. Korenizatsiia. **Central Asian Survey**, v. 9, n. 3, p. 77–98, jan. 1990.
- PIPES, R. **The Formation of the Soviet Union**. [s.l.] Harvard University Press, 1997.

SABOL, S. **Russian Colonization and the Genesis of Kazakh National Consciousness**. 1. ed. Nova Iorque: Palgrave, 2003.

TUMINEZ, A. S. Nationalism, Ethnic Pressures, and the Breakup of the Soviet Union. **Journal of Cold War Studies**, v. 5, n. 4, p. 81–136, set. 2003.

UBIRIA, G. **Soviet Nation-Building in Central Asia**. [s.l.] Routledge, 2016.

ANEXO A - GLOSSÁRIO DO VOCABULÁRIO CAZAQUE UTILIZADO

A

ATAMEKEN - (Atamequen) - Palavra cazaque compreendida como “Terra-pai” ou “Terra-mãe”, igual a definição de *ATAZHURT*;

ATAZHURT - (Atajurt)

Q

QAZAQ ELI - (Kazak Eli) - Compreendida, em tradução, como “Nação Cazaque” ou “Comunidade Cazaque”;

QAZAQSHYLYQ - (Kazakshâlâk) - Ideia de “cazaquidade” no vocabulário local;

S

ŞETELDIK - (Sheteldik) - Concepção de “estrangeiro” ou “estranho” em cazaque;

T

TOPYRAQ - (Topârak) - Terra ou solo fértil que seja dotada de utilidade para o cultivo e pastoreio;

Z

ZHER - (Jer) - Conceito de região geográfica e/ou faixa de terra passível de controle pelas comunidades;

ZHUZ - (Juz) - Caracterização de uma tribo membro da confederação das estepes cazaques. Atualmente, compreende a origem étnico-históricas das diversas comunidades existentes no território da República do Cazaquistão.